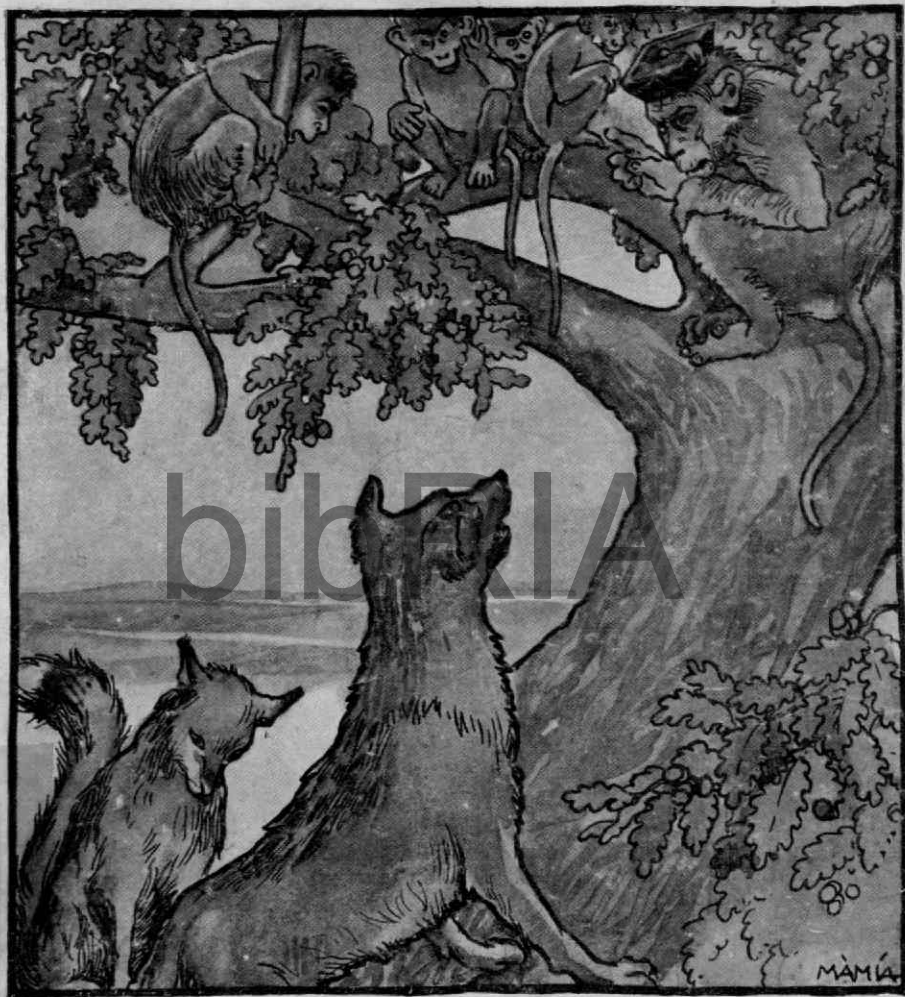


CINQUENTA FÁBULAS DE FEDRO



ADAPTADAS
POR

JOSÉ PEREIRA TAVARES

REITOR E PROFESSOR DO LICEU DE JOSÉ ESTÊVÃO

AVEIRO

1929

DEPOSITÁRIO
LIVRARIA CARLOS ALBERTO
RUA DAS OLIVEIRAS, 50 — PORTO

Prémio do Reitor DO LICEU
entregue ao aluno 1.º ano
André Luis da Costa

10 - 1 - 1948



UNIVERSIDADE DE AVEIRO
SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO

CINQUENTA FÁBULAS DE FEDRO

biblioteca

André Luis da Costa

DO AUTOR

«O POETA MELODINO» (*D. Francisco M. de Melo*) — *Rimas Portuguesas e Orações Acadêmicas*. Prefácio e notas. Pôrto, 1921.

«SELECTA DE TEXTOS ARCAICOS E MEDIEVAIS» (vi e vii cl. dos Liceus) — Pôrto, 1923. Aprovada oficialmente.

«História da Língua Portuguesa» (Conferência) — Lisboa, 1923.

«Églogas de Francisco Rodrigues Lôbo» (segundo a edição *Princeps*) — Coimbra, 1928. Prefácio e notas.

«ORTOGRAFIA PORTUGUESA» (*Manual do estudioso da Língua*) — Coimbra, 1928.

A LINGUA PORTUGUESA EM TEXTOS

COLECÇÃO ESCOLAR

I



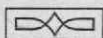
Cinquenta Fábulas de Fedro

PARA AS CRIANÇAS LEREM, ESTUDAREM E MEDITAREM

ADAPTADAS POR
JOSÉ PEREIRA TAVARES

REITOR E PROFESSOR DO LICEU DE JOSÉ ESTÉVÃO

Ala dos Reis Nº
Aveiro



UA-SD



231527

AVEIRO

1929

66

bibRIA



TIPOGRAFIA PORTO MEDICO, L.DA
PRAÇA DA BATALHA, 12-A
PORTO

A' sua filha

Hermeliana Augusta Tavares

A' sua sobrinha

Antônia Tavares Martins

bibRIA

A's suas amiguinhas

Maria José Cardoso Gamelas

Maria Rosa Cardoso Gamelas

O. E D.

J. Tavares.

bibRIA

PREFÁCIO

O primitivo plano dêste volume era modestíssimo: traduzir de Fedro, libèrrimamente, adaptando-as à intelligência das crianças, umas vinte a trinta fábulas, e publicá-las, certo de que, a despeito da abundância de textos que nestes últimos quinze ou vinte anos têm vindo a lume — tornando, até certo ponto, inoportunas aquelas palavras de Eça de Queirós no seu conhecido artigo sobre literatura infantil —, não seria de todo descabida uma colecção, desta natureza. Um amigo, porém, a quem expusemos a idea — o Ex.^{mo} Senhor Dr. José Pinto Soares, do Liceu de Vila Real — animou-nos a ir mais longe; e assim o trabalho que ousamos apresentar a público é o produto do plano originariamente traçado e do conselho e sugestão do distinto professor, cujo auxilio muito nos apraz agradecer neste lugar.

Em vez de vinte ou trinta fábulas, adaptámos cinqüenta, doze das quais vão acompanhadas do respectivo plano de estudo, que não dá novidades aos professores de officio, mas que prestará serviços a todos os que só incidentalmente ensinem.

Esses planos, em cuja organização, devemos confessá-lo, seguimos, em parte, a orientação de mestres estrangeiros, pode o professor ou o educador simplificar-los ou desenvolvê-los à vontade, consoante as forças dos educandos. Nas nossas aulas têm dado os resultados mais lisonjeiros; em mãos mais hábeis e perspicazes produzirão, certamente, melhores frutos.

O plano geral das lições é o seguinte:

PRIMEIRA PARTE — A leitura. — *Em primeiro lugar, lê o mestre; a seguir, lêem os alunos, todos os alunos. Estes devem ler todos os dias, embora só algumas linhas. Não importa que o mesmo texto seja lido, na mesma sessão, seis, sete ou mais vezes. Só assim, interessando toda a classe, se conseguirá que todos os leitores, com excepção apenas dos absolutamente incompetentes, venham a ler com intelligência.*

SEGUNDA PARTE — Interrogatório do professor. — *Com elle habituaremos o aluno a pensar, a observar, a distinguir o que é geral e o que é especial ou secundário, a analisar, a sintetizar, etc. Com esse intuito far-se hão perguntas acerca do local onde se passa o entrecho da fábula, dos personagens que nela figuram, das suas acções, das causas que as determinaram, das consequências que delas resultaram e do que elas têm de louvável ou condenável.*

TERCEIRA PARTE — Preparação das redacções; gramática. — *Segue-se a exposição oral da fábula, por outras palavras e expressões, com o emprêgo de sinónimos. Transformar-se há sempre a voz activa em passiva e vice-versa; indicar-se hão os antónimos e expressões antónimas, bem como os homógrafos, homófonos e homónimos; substituir-se há, sempre que seja possível, uma frase afirmativa ou negativa pela negativa ou afirmativa correspondente e equivalente; agrupar-se hão as palavras aparentadas e completar-se hão as respectivas famílias, com a indicação das simples e compostas e, das primitivas e*

derivadas. — A gramática, em qualquer das suas secções da Fonética, da Morfologia e da Sintaxe, ministrar-se há sempre a propósito do texto, em doses sóbrias e sãbiamente conduzidas — com o compêndio sempre à mão —, de forma que os alunos venham a reproduzir com plena consciência, e não mecânicamente, o que ~~se~~ lhes for sendo ensinado. Na Sintaxe é basilar o conhecimento seguro das partes da oração, tanto das principais como das secundárias, mas sem descer nunca a minúcias de análise ou de nomenclatura, cuja utilidade, nas primeiras idades, é muito discutível. Insista-se sobre o attributo e o nome predi-cativo e sua concordância com o substantivo (ou substantivos) e com o sujeito; sobre a concordância do verbo com o sujeito (simples e composto), etc.; sobre os complementos directo e indirecto; sobre o agente da passiva, complemento determinativo e restrictivo, e sobre os complementos circunstanciais de tempo, lugar, modo e causa. — Com a prática é que os alunos virão a conhecer as palavras variáveis e suas flexões, e as invariáveis. — Na Fonética, exija-se o que é indispensável para a ortografia, especialmente para a acentuação das palavras. As crianças têm certa dificuldade em apreender a noção de sílaba tónica e átona; confundem freqüentemente a sílaba tónica com a átona aberta e por isso, na acentuação, marcam indiferentemente com acento grave as sílabas tónicas e com acento agudo as átonas. É necessário, pois, insistir sobre o assunto com exemplos muito numerosos. Convém não esquecer que o emprêgo das enclíticas, especialmente mos (= me os, por exemplo manda-mos, pela confusão com mandamos) e as formas pronominais me, te, se, lhe, lhes; o, a, os, as

(lo, la, los, las, no, na, nos, nas) — *determina com frequência erros crassíssimos que só por meio de aturados exercícios se evitarão.*

QUARTA PARTE — A redacção. — *Nesta altura, está o aluno perfeitamente apto a reproduzir por escrito o assunto de cada fábula. Pode exigir-se-lhe, em primeiro lugar, uma redacção em certo número de linhas, para o habituar à concisão. Depois virão reproduções mais amplas, conservando-se, ou não, o discurso directo, ou transformando-se o discurso directo em indirecto e o indirecto em directo, e por fim seguir-se hão as redacções, cada vez mais livres, para desenvolvimento das faculdades de invenção ou imaginação dos educandos.*

Assim se cultivará a intelligência dos pequenos leitores, ao mesmo tempo que se lhes enriquecerá o vocabulário e se lhes criará e aperfeiçoará gradualmente o estilo. Não nos esqueçamos de que o conhecimento da língua se obtém, sobretudo, falando e escrevendo, sob a solícita vigilância do mestre ou do educador, e frequentando com a máxima assiduidade, ao lado dum guia seguro, os textos, desde os mais simples e despreten-siosos, como as presentes fábulas, até os que nos são legados pelos bons autores e pelos artistas da palavra.

Se o favor do público nos ajudar, é nosso intento não só melhorar, em futuras edições, este trabalho, mas também publicar outros volumes de igual orientação e intuitos, isto é: que ao mesmo tempo interessem, deleitem e instruam.

Aveiro, 11 de Agosto de 1929.

José Tavares.

Cinqüenta fábulas de Fedro ...

em que os animais — rãs, lóbos, leões, toiros, javalis, cavalos, groux, rapôsas, corvos, vacas, ovelhas, veados, jumentos — falam e procedem como se pessoas fôssem.

Eles são, a-final, meus meninos, a gente com quem viveis e acotovelais todos os dias; que vos ama, ou que vos odeia; que vos presta auxílio, ou que vos torna difícil a existência.

O mundo dêsses animais é, em suma, o vosso mundo!

I

A rã que quiere ser boi.

PERTO dum prado onde andava um boi a pastar, vivia numa poça de água uma rã, verde e muito esperta, que tinha quatro filhos. Certa ocasião em que o boi se aproximou dêles, disse ela para os filhos:

— Vou ver se me faço do tamanho do boi. Ora olhai!

E, dito isto, começou a inchar-se, a inchar-se, julgando, a tóla, que dessa maneira poderia vir a ter a corpulência do boi.

— Ainda falta muito, minha mãe! — disse uma das rãzitas.

— Ora, ora! — exclamou outra — O boi é muito maior.

— E agora? — perguntou a vaidosa, ao passo que fazia mais esforços por ser tão grande como o outro animal.

— Está na mesma, mãezinha! — respondeu a terceira das rãzitas.

Mas a rã não fêz caso: continuou a inchar-se, e tanto se inchou, que daí a pouco morria reventada, deixando os quatro filhos a chorar a sua orfandade.

*

Esta rã faz-nos lembrar aquelas pessoas que, sem poderem, desejam imitar os fortes. As conseqüências são sempre desastrosas.

Estudo da fábula

A rã que deseja (que aspira a) ser boi.

1

Responda às seguintes perguntas:

- Quantos animais entram nesta fábula?
- Onde estavam êles, e o que faziam?
- Que desejou a rã? Por quê?
- Que disseram as rãzitas? Concordaram?
- Qual foi o resultado da ambição da rã?
- Há pessoas que nós possamos comparar com a rã?
- Devemos louvá-las, ou censurá-las?

2

Exponha a fábula, usando algumas das expressões do texto.

Faça a exposição, convertendo o discurso directo em indirecto.

Indique as orações dos três primeiros períodos, classifique-as e designe os seus elementos.

Conjuge, em todos os tempos, os verbos *aproximar-se* e *inchar-se* e a expressão *continuar a inchar-se*.

Indique as palavras que conhece da família a que pertencem as palavras *andar, pastar, viver, água, esperta, aproximar, julgar, etc.*

3

Reproduza, por escrito, em 10 linhas, esta fábula, mantendo o discurso directo.

Faça a mesma reprodução, substituindo o discurso directo pelo indirecto.

NOTA. — Conforme fica dito no *Prefácio*, êstes planos podem ser simplificados ou desenvolvidos, segundo as forças dos alunos. Quantos mais exercícios se exijam, tanto orais como escritos, melhores serão os resultados.

II

A rapôsa e o corvo.

A uma janela de casa rica estava um queijo em lindo prato a secar, e eis que um corvo, não muito velho, mas feio e negro como são os corvos, passa rápido, leva-o no bico e vai empoleirar-se, muito bem empoleirado, numa árvore que perto ficava.

Não muito depois, veio uma rapôsa, que, ao ver o corvo e o queijo, logo pensou na maneira de comer o que a ave tinha reservado só para si. Se bem o pensou, melhor o fez, porque em menos dum credo estava ela a dizer para cima, de pescoço estendido e focinho a fariscar:

— Boas tardes, corvo! Que lindo que estás! Se tivesses uma voz tão agradável ao ouvido, como as tuas penas o são à vista, digo-te que não haveria nenhum passarolo que te pudesse vencer em beleza!

O corvo, está claro, ficou todo vaidoso; e, para mostrar à rapôsa a sua voz (que por sinal nada tem de agradável), abriu o bico e deixou cair o queijo.

Foi o que a matreira rapôsa quis: deitou-lhe os dentes; e, sem palavras, a espanejar a cauda, lá vai ela. Quanto ao tolo do corvo, êsse ficou no ramo, de ar murcho e triste, a olhar para a criada da casa, que nesse momento assomava à janela, e a pensar no triste fim da sua vaidade.

*

O corvo desta fábula exemplifica perfeitamente a que triste situação podem os homens ser conduzidos pela vaidade. — A rapôsa personifica os adulares, que para conseguirem os seus fins lisonjeiam as pessoas, alimentando-lhes a vaidade.

Estudo da fábula

O corvo vaidoso e a rapôsa.

1

Interrogatório:

- Quais são as personagens desta fábula?
- Onde estava o queijo? Quem o tinha lá pôsto?
- Que fêz o corvo?
- Em que postura o foi encontrar a rapôsa?
- O que fêz esta? Para que gabou ela o corvo?
- Deu resultado o seu estratagemma? Que fêz a ave?
- Pode dar um exemplo de lôgro idêntico em que alguma pessoa tenha caído?

2

Exponha a fábula, em dois minutos, afastando-se, o mais possível, dos termos e expressões nela usados.

Faça a exposição, dando-lhe a forma usual dos contos — «Era uma vez um corvo...», transformando a fala da rapôsa em discurso indirecto.

Indique os antónimos de *rica, lindo, velho, rápido, fazer, agradável, beleza, abrir, ir, triste, desgraçado* e forme as respectivas famílias de palavras.

Conjuge o verbo *levar* com o pronome *o*, em todos os tempos.

Ponha na voz passiva a oração — «*que te pudesse vencer em beleza*».

3

Redija sobre este assunto em 15 linhas.

Faça a redacção, supondo a exposição feita pela criada, pela rapôsa ou pelo corvo.

III

O gralho com penas de pavão.

SABENDO que era feio, um gralho quis fingir de pavão, e uma vez, desprezando os outros gralhos, aproximou-se do local onde um lindo bando de pavões estava expondo, a quem passava, as variegadas caudas, abertas em leque.

Perto do sítio, havia grande porção de penas, espalhadas pelo chão. E vai o gralho apanhou-as cuidadosamente, e com o bico foi-as dispondo, o melhor que pôde, entre as próprias penas. Supondo-se já tão bonito como os pavões, foi o falso pavão meter-se entre os verdadeiros. Coitado! As aves, mal o viram, correm para êle e expulsam-no violentamente, às bicadas, deixando-o sem forças e sem penas!

Muito derreado, triste e cheio de vergonha, voltou o gralho para junto dos companheiros, temendo já, mais do que tudo, a troça com que êles por certo castigariam a sua falta de tino. Efectivamente, logo que o viram, e sem atender ao seu estado deplorável, fizeram-lhe grande surriada, e o mais velho dêles, com ar de quem sabe muito do mundo, disse-lhe estas palavras, que até parecem ditas por uma pessoa, e das ajuizadas:

— Foi muito bem feito! Quem te mandou ser vaidoso? Não sabias viver na condição para que foste criado? Não fôsses tolo! Não te enfeitasses com vestidos alheios!

*

Quantas pessoas não vemos nós com penas de pavão! São, por exemplo, as que se vestem com vestidos que não podem pagar; as que se servem do trabalho das outras, como se fôsse seu, etc. Bem se diz: — «Quem o alheio veste na praça o despe».

Estudo da fábula

O gralho empavonado.

1

Interrogatório:

- Conhece o gralho e o pavão? Qual é mais bonito?
- Por que é que aquela ave desejou fingir de pavão?
- Entre os homens também há quem se faça *pavão*?
- E o que lhe sucede?
- Que fez o gralho para conseguir o seu fim?
- E como foi recebido pelos verdadeiros pavões?
- Foi castigada a sua tolice? Como?

2

Semelhantemente ao que já fez, exponha em dois minutos, por palavras suas, empregando sinónimos onde seja possível, o trecho desta composição.

Depois de transformar o gerúndio — *sabendo* — em — *como soubesse* —, indique as orações de que consta o primeiro período da fábula e classifique-as.

Forme famílias de palavras, indicando as que são simples e compostas e as que são primitivas e derivadas.

Conjугue, em todos os tempos, a expressão — *i-las expondo* (= *ir expondo as penas*).

3

Redija sobre o assunto desta fábula, convertendo a fala do velho pavão, com que a história acaba, em discurso indirecto.

Suponha o gralho a contar a sua infelicidade e redija livremente, inventando novos pormenores.

IV

O frango e a pérola.

ERA uma vez um frango que andava, muito apressurado, a esgravatar numa estrumeira do quintal de seus donos. De repente, apareceu-lhe, no meio da imundície, um pequeno objecto, redondo e esbranquiçado, que êle supôs ser um grão de milho. Ficou todo contente, porque naquele dia era coisa que êle ainda não tinha provado: nem a patroa, nem as criadas tinham aparecido com a costumada ração.

Sacode para aqui, sacode para ali, dentro de breves instantes verificou o frango que aquilo que êle julgava ser um grão era . . . uma pérola!

(Porque é preciso que os meninos saibam que naquele tempo os frangos eram tão inteligentes e sabedores, que conheciam as pérolas. Hoje já não há frangos assim . . .)

Pondo para a banda o objecto encontrado, diz-se que assim falou a ave, em frente da pérola inútil:

— Pobre pérola! Se algum homem te encontrasse, é mais que certo que de novo irias figurar, como ornamento, no peito dalguma dama. Para mim, simples frango, de nada serves e nenhum valor tens! Por que não havias tu de ser um grão de milho ou trigo, com que eu matasse a fome?

*

*Não demos aos outros aquilo que êles não saibam apreciar.
Daí vem o dizer-se — «atirar pérolas a porcos».*

Estudo da fábula

O frango perante a pérola.

1

Interrogatório :

- Sabe onde andava o personagem desta história ?
- O que levou o frango a esgravatar ?
- E por que o fazia com tanta pressa ?
- Pode dizer os motivos ?
- Como ficou êle ao encontrar a pérola ?
- O que fez ? Para quê ?
- Que disse êle, ao reconhecer-se logrado ?
- Que conclusão se tira da fala do frango ?
- E que aplicação tem na vida ?

2

Na exposição desta fábula, que deve fazer em rápidos minutos, ponha na bôca do frango algumas palavras, a propósito do encontro da pérola, e transforme as palavras finais em discurso indirecto.

Separe as orações de que é formado o primeiro período do parêntese e classifique-as. A propósito, diga que funções pode desempenhar o monossílabo *que*.

Conjuge, em todos os tempos, os verbos *sacudir*, *supor* e *saber*.

3

Supondo o entrecho da fábula contado pelo frango, faça uma redacção em 15 linhas.

Redija livremente sobre o assunto, tirando da fábula uma conclusão moral.

V

O cão ambicioso.

A tarde estava muito bonita, mas quente. Ninguém a labutar nos campos. Os trabalhadores dormiam a sesta à sombra das árvores e dos silvados, esperando a hora de retomar o trabalho.

Nessa tarde cálida, um cão seguia tranqüilamente em direcção do próximo ribeiro, levando na bôca um bom pedaço de carne.

Chegou ao riacho, pousou um instante o leve fardo, tomou-o de novo na bôca e meteu resolutamente pela tôca ponte, que era formada por uma simples tábua, sem qualquer resguardo dos lados.

Que lindo que era esse bocadinho da natureza! O ribeiro, nesse ponto, parecia mesmo um lago, tão devagar e manso corria; as árvores das margens, frondosas e verdes, debruçavam-se sobre as águas, como que a cumpri-mentá-las. Se o cão não fôsse cão, com certeza pararia e ficaria algum tempo a olhar a paisagem. Mas não: sem atender ao que o cercava, o animal, a meio da ponte, pouco mais ou menos, olhou casualmente para a água e viu que outro cão marchava no mesmo sentido, *por dentro do líquido*, com um pedaço de carne na bôca, como êle! Quis roubar-lho. Para isso, inclinou-se e abriu a bôca...

Quando percebeu o engano, já era tarde: a verdadeira carne era levada pela corrente, e o cão que lhe parecera ter visto havia desaparecido.

E então, o tolo, começou a ladrar, virado para o riacho, como se dessa maneira pudesse readquirir o que tinha perdido!

Estudo da fábula

O cão ambicioso.

1

Interrogatório :

- Em que época se passou o que aqui se refere ?
- Como é que sabe isso ?
- São muitos os personagens que entram na fábula ?
- Pode dar uma ideia do lugar por onde o cão seguia ?
- O cão é inteligente, ou estúpido ?
- O que êle fêz não é prova da sua pouca inteligência ?
- Que fêz êle, ao dar pelo engano ?
- Já viu algum cão, ou outro animal, em idêntica situação ?

2

Exponha o assunto, reduzindo-o ao que é absolutamente essencial e gastando na exposição dois minutos.

Faça a exposição por outras palavras, empregando sinónimos e expressões sinónimas, e pondo na boca do cão algumas considerações acerca do cão que êle supunha seguir a seu lado, pela água.

Indique tôdas as palavras compostas e derivadas da fábula, mostrando os respectivos prefixos e sufixos.

Conjугue em todos os tempos as expressões *roubar-lho* e *querer roubar-lho* e o verbo *cumprimentar*, com o pronome *as*.

3

Faça da fábula uma redacção em 10 linhas, imaginando o cão a falar em monólogo a respeito do *outro cão*.

Desenvolva à sua vontade o assunto, tirando do caso uma conclusão moral e applicando-a à sociedade.

VI

Os dois machos e os salteadores.

POR uma estrada fora, longe das povoações, seguiam dois machos: adiante, de pescoço erguido, todo vaidoso dos seus lindos arreios e da sonora campainha que constantemente fazia vibrar, ia um, carregado de bôlsas cheias de moedas de oiro; atrás, em sossêgo, pachorrentamente, sem sombra de vaidade, antes muito satisfeito com a sua pobreza, marchava o outro, transportando para o moinho uma carga de sacos de cevada.

De repente, saltam de todos os lados um bando de ladrões, observam rapidamente os dois animais, e, todos à uma, caem sôbre o da campainha. Ferem-no, tiram-lhe todo o dinheiro, e, não contentes com a façanha, prendem e matam o condutor.

O moleiro, dono do outro macho, tinha-se escondido, cheio de medo, a-pesar-de ver que os ladrões nenhuma importância davam à cevada.

Apenas se retiraram os ladrões, disse o macho espóliado para o outro:

— Infeliz de mim! Os malvados deixaram-me numa salada. Tu é que tiveste sorte! Mas por que é que êles te não tocaram, ó colega?

Resposta do da cevada:

— Então! É a vantagem de quem é pobre e modesto. Tem paciência. Como ias todo vaidoso da tua riqueza, a ponto de nem ao menos te dignares olhar para mim, é justo que tenhas êsses amargos de bôca. Eu cá, na minha modéstia, nada tenho que temer.

Como então o moleiro saísse de entre as árvores, terminou aqui a conversa dos machos.

Estudo da fábula

Os machos e os salteadores.

1

Interrogatório:

- A que se reduz o que nesta fábula se refere?
- Onde se deu o assalto? E por quê?
- Pode dar uma idea do local?
- Que transportavam os machos?
- Por que desprezaram os ladrões o macho da cevada?
- O que succedeu ao condutor do macho do oiro?
- E o que fez o moleiro?
- Que disse o macho espoliado e que lhe respondeu o outro?

2

Indique e classifique as orações do primeiro período da fábula.

A propósito do vocábulo *bando*, indique os colectivos que conhece.

Exponha em três minutos a fábula, convertendo o discurso directo em indirecto e transformando, onde for possível, a voz activa em passiva.

Indique as palavras derivadas e as compostas, separando os sufixos e os prefixos, e complete as famílias de palavras.

3

O moleiro conta a ocorrência. Faça a redacção, em 12 linhas.

Redija livremente, supondo que a exposição é feita por um dos assaltantes.

VII

As rãs e o Sol.

«**Q**UANDO tudo era falante», dizem que as rãs dum extenso paúl tiveram um grande desgosto. Algumas, mais bisbilhoteiras, ouviram dizer que o Sol se ia casar, e essa notícia trouxe grave confusão àquela barulhenta sociedade de rãs.

— Não querem saber? — disse a mais faladora — O Sol vai tomar espôsa!

— Ai de nós, ai de nós! — clamaram umas.

— Aqui de el-rei, aqui de el-rei! — gritaram as restantes.

E foi tal a algazarra, que o velho deus Júpiter — um deus muito carrancudo e mau, que usava barbas muito compridas — mandou-lhes perguntar o motivo daquele barulho ensurdecedor.

— Ai, senhor Júpiter! — respondeu uma, enquanto as outras se calavam — Nós lastimamos a nossa sorte, porque soubemos que o Sol se vai casar! Valha-nos, senhor Júpiter! Por quem é, acuda-nos! Nós já nos vemos aflitas com o insuportável calor que o Sol faz cair sôbre a nossa morada. Quando chega o verão, já mal temos água para viver. Que será de nós, se o Sol arranja mulher? Se êle se casa, e a mulher tem filhos, não poderemos viver! Morremos, com certeza, nós e os nossos desgraçados meninos! Não acha Vossa Majestade que temos razão, e muita razão, para coaxar desde pela manhã até a noite?

E, palavras não eram ditas, só se ouvia no paúl aquela matizada que os meninos têm muitas vezes presenciado, quando passam pelos charcos de água onde êsses animais habitam.

Estudo da fábula

As rãs e o casamento do Sol.

1

Interrogatório :

- Onde viviam as rãs ?
- Qual foi o seu desgosto ?
- Por que se opunham elas ao casamento do Sol ?
- O que fizeram para obstar ao casamento ?
- A quem se dirigiram ? Por quê ?
- Quais as razões apresentadas a Júpiter ?
- O deus respondeu-lhes ?
- E o que fizeram elas ?

2

Exponha, por palavras suas, afastando-se, o mais possível, do texto, o assunto desta história, fazendo desaparecer o discurso directo e imaginando as palavras de Júpiter ao perguntar o motivo do barulho das rãs.

Indique os sinónimos das palavras *dizer*, *extenso*, *bisbilhoteiro*, *notícia*, *grave*, *falador*, *restante*, *algazarra*, *comprido*, *acudir*, *morrer*, *desgraçado*, *razão*, *matinada*, *habitar*.

Conjuge, em tôdas as formas, o verbo *presenciar*, e a propósito o verbo *alumiar* e o verbo *nomear*, para a distinção das conjugações dos verbos em — *iar* e — *ear*.

3

Redija sôbre o assunto em 10 linhas, afastando-se do texto.

Redija livremente, com mais pormenores e incidentes, à sua vontade.

VIII

O cão fiel e o ratoneiro.

NUMA noite tempestuosa, em que a chuva batia com fúria nas vidraças da casa e o vento assobiava, não menos furiosamente, através das fendas do telhado, dos portais e das janelas, o cão de guarda estava mais vigilante, porque muito bem sabia que em noites assim medonhas e escuras é que os ladrões costumam fazer os seus assaltos. De ouvido atento junto do portão, sentiu que alguém mexia na aldraba. Ladrrou com ímpeto; mas em rápido instante o portão abriu-se, e imediatamente entrou um homem forte e espadaúdo, com sua lanterna de luz moriça na mão, chapéu derrubado para os olhos e velho capote, — que lhe atirou, acto contínuo, um pedaço de carne, de cheiro agradabilíssimo.

— Olá, meu amigo! — disse ele — Com que então, querias que eu me calasse, para à vontade poderes roubar o meu dono! Quanto te enganas! Essa tua liberalidade mostra-me que devo estar mais vigilante do que nunca.

E, com grande pasmo do ratoneiro, o cão retirou-se de junto do portão, aproximou-se da entrada da rica e linda casa, pôs as patas dianteiras de encontro à porta, e disse, não já em linguagem de gente, mas na que é própria dos cães:

— Æo, Æo, Æo! Æo, Æo, Æo!

O dono, percebendo-o, levantou-se com agilidade, armou-se de espingarda e veio à janela, a tempo que já a criadagem andava em alvoroço; mas nessa altura já o larápio tinha fugido.

O cão foi muito festejado por todos; e, em paga da sua dedicação, teve nesse dia um almôço mais fino e abundante.

Estudo da fábula

O cão de guarda e o larápio.

1

Interrogatório :

- Onde se passou o que nesta composição se narra ?
- A que horas ? Em que época ?
- Que personagens entrevêem ?
- Quais são as mais importantes ? Por quê ?
- Que fêz o gatuno ? Que fêz o cão ?
- E' para louvar a sua atitude ? Por quê ?
- Quais as consequências da fidelidade do cão ?

2

Faça a exposição do assunto em três minutos, seguindo as indicações já feitas para outras fábulas.

Indique todos os verbos irregulares contidos na fábula e conjugue e escreva no quadro, do verbo *pôr* (e seus compostos), o pret. perf. e mais que perf. do indicativo e o imperfeito e futuro do conjuntivo. A propósito, conjugue os mesmos tempos do verbo *querer* e *requerer*. Compare tôda a conjugação dêstes dois últimos.

A propósito de *ladrar*, indique outros verbos defectivos, indicativos das vozes de animais, e de fenómenos meteorológicos (*chover, saraivar*, etc.).

Indique os adjectivos em função de nome predicativo e na de attributo.

3

Redacção livre do assunto, com ou sem o emprêgo do discurso directo.

A mesma, supondo a exposição feita pelo gatuno.

IX

O leão, a cabra, a ovelha e a vaca.

ERA um leão, que foi caçar para um bosque, em companhia da cabra, da ovelha e da vaca. O mau do leão, percorrendo a floresta, lobrigou um veado, correu atrás dêle, e, a-pesar-de o pobre fugir a bom fugir, dando grandes saltos e furtando as voltas ao leão, caiu-lhe por fim nas garras, e num instante era morto pelo rei dos bosques. Os outros *caçadores* aproximaram-se, e o leão disse-lhes:

— Bem. Vamos a fazer a divisão da carne. Vou repartir o veado por todos, igualmente.

Os outros três estavam a ver o que dali saía, e não diziam palavra. Em menos de cinco minutos, tinha o leão feito quatro quinhões.

— Cheguem-se! — ordenou êle — Vêem? Esta primeira ração pertence-me, porque me chamo leão e sou o rei das florestas.

— Sim! Não há dúvida! — respondeu a ovelha, com a aprovação da cabra e da vaca.

O leão continuou:

— A segunda parte é a que me cabe, por direito de divisão. E' minha também. Não acham?

— Sim, sim! — disseram todos.

— O terceiro quinhão também é muito meu, porque eu sou o mais forte.

— E o quarto? — perguntou, a mêdo, a cabra.

— O quarto — concluiu êle —, se alguém se atrever a tocar-lhe, succede-lhe o mesmo que succedeu ao veado: morre!

Os três companheiros do leão afastaram-se imediatamente. Quando se viram a certa distância, deitaram a fugir, com mêdo de que êle os perseguisse e matasse.

Estudo da fábula

O leão, a cabra, a ovelha e a vaca.

1

Interrogatório:

- Quais são os personagens desta fábula?
- Para onde foram eles? E para quê?
- Eram todos caçadores? Por quê?
- O que caçou o leão? E o que fez?
- Deve louvar-se o seu procedimento?
- Os homens costumam proceder do mesmo modo?
- Pode exemplificar?
- Que fizeram, por fim, os companheiros do leão?

2

Exponha a fábula, por outras palavras e expressões, empregando, onde for possível, os respectivos sinónimos.

Forme famílias de palavras, indicando as simples e as compostas, e as primitivas e derivadas, e os respectivos prefixos e sufixos.

Classifique todas as palavras do 1.º parágrafo e diga as funções de cada uma.

Indique os verbos irregulares de toda a fábula e conjugue os verbos *dizer* e *ver*. A propósito dêste, conjugue o verbo *vir*. Compare a terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos dois e ainda de *ler*, *ter* e *dar*.

3

Redacção libérrima do assunto, sem o emprêgo do discurso directo.

Redacção, supondo a exposição feita pela cabra.

X

O pastor e o burro.

Em ocasião de guerra, andava um velho pastor a apascentar um burrico, que era a sua única fortuna, quando de súbito se ouviu ao longe grande sussurro de tambores e cornetas. Estremeceram os dois — o burro, porque era tímido por natureza, e o velho porque, até então, estava convencido de que os combatentes não viriam perturbá-los ali.

Mas o burro, passado aquêlo pequeno susto, continuou a comer sossegadamente, sem se importar com o alvoroço do velho, que desatou a chorar e a arrepelar-se todo.

E os tambores batiam, batiam sempre, cada vez mais próximos. E as cornetas continuavam a ferir os ares com os seus sons de guerra.

— Vamos embora! Vamos embora, que êles vêem aí, e nós não poderemos escapar-lhes! — dizia o velho pastor.

Mas o burrico continuava a tasquinhar na erva, parecendo não ouvir as recomendações do seu dono.

— Vamos! Não ouves?! — insistia o pobre homem.

— Vamos para onde? — disse o burro.

— Para casa. Não vês como os inimigos se aproximam de nós? — explicou o velho.

— Olha lá! — tornou o orelhudo — Que me dizes? Êles, se me apanharem, serão capazes de me pôr duas albardas?

— Não! — disse o outro — Continuarias a trazer uma só, como até aqui. Mas vamos embora.

— Pois então, eu é que não vou! — volveu o burro — Se hei de trazer sempre uma albarda, que me importa que sejas tu, ou outro, o meu dono?

E pachorrentamente, como se nada de grave se passasse, pôs-se de novo a pastar.

Estudo da fábula

O pastor e o jumento.

1

Interrogatório :

- Onde se passa o que nesta fábula se conta ?
- E em que época especial ?
- Por que se assustaram o velho e o burro ?
- Qual dêles teve mais medo ? Por quê ?
- Que resolução tomou o velho pastor ?
- Qual a atitude do jumento ? Por quê ?
- Que pergunta fez ao velho o jumento ?
- Que resposta obteve ?
- Que fez, por fim, cada um dêles ?

2

Exponha, em quatro minutos, este assunto, mantendo o discurso directo somente nas falas do burro.

A propósito da palavra *alvorôço*, indique grupos de homógrafos, homófonos e homónimos. Caracterize e exemplifique os sinónimos e os antónimos.

Conjugué com o pronome *o* o verbo *perturbar* e ainda as expressões *poder escapar-lhes*, e *desatar a arrepelar-se*.

Forme as famílias de *pastar* e *fortuna*.

Divisão, classificação e análise dos dois primeiros períodos.

3

Redija acerca do assunto, na hipótese de o velho narrar o sucedido.

Redija em 20 linhas, mantendo o discurso directo somente nas falas do velho.

XI

O vitelo e o toiro.

Um toiro, há pouco chegado dos pastos, esforçava-se, em vão, por entrar no curral; a porta, velha e imunda, era estreita, e os chifres grandes e recurvos. Por mais que êle variasse a posição da cabeça, os resultados eram sempre nulos. E o pior é que, farto de lutar com a apertada passagem, já começava a enraivecer-se, o que, além de o cansar, tornava cada vez mais inúteis os seus esforços.

Um bezerro estava presenciando o espectáculo e muito se divertia com as infrutíferas diligências daquele forte. Mexia a cauda repetidas vezes e pulava, pulava de contentamento, já que não podia rir-se, como certamente faria, em igualdade de circunstâncias, qualquer pessoa. E o toiro, no entanto, não desistia do seu propósito.

A certa altura, o vitelo aproximou-se do toiro e disse-lhe:

— O que você quer fazer é a coisa mais simples do mundo. Dá-me licença? Já há bastante tempo que eu estou observando o seu trabalho e pensava comigo mesmo que a cegueira e uma grande obtusidade se tinham apoderado de si. Quere ver? Faça como eu vou fazer, e eu lhe garanto que em menos dum segundo estará dentro do curral.

E, pondo-se a jeito, o boizito depressa entrou no estábulo. Depois, voltou-se para o toiro e continuou, do lado de dentro :

— Como acaba de ver, nada mais fácil! Ande, experimente; aprenda comigo!

— Cala-te, meu parvo! — contrariou o toiro, um tanto irritado com a petulância — Não pretendas dar lições a quem muito bem tas pode dar a ti. Quando tu nasceste, já eu sabia o que tu sabes, e muito mais!

Estudo da fábula

O vitelo e o toiro.

1

Interrogatório:

- Em que lugar se passou o que nesta fábula se refere?
- Que animais entram na mesma?
- Por que motivos não podia o toiro entrar no curral?
- Que fazia, no entretanto, o vitelo?
- Como interveio êste? Que disse? Que fez?
- Qual foi a resposta do toiro?
- Dando conselhos às pessoas mais velhas, que figura fazemos?

bib²RIA

Faça a exposição oral, afastando-se, o mais que possa, dos termos e expressões do texto, e gastando o mínimo tempo.

Agrupe convenientemente as palavras do texto, indicando os sinónimos e os antónimos, formando famílias de palavras, etc.: *esforçar-se, em vão, imundo, estreito, recurvo, variar, começar, inútil, estar presenciando, infrutífero, projecto, obtusidade, garantir*, etc.

3

Faça a redacção do assunto, livremente, inventando pormenores e incidentes.

Redija em 20 linhas, na hipótese de ser o toiro quem conte o sucedido, e tirando a respectiva conclusão moral e verberando o procedimento do vitelo.

XII

O asno e o javali.

NUM dos seus freqüentes passeios pelo bosque, certo burro vadio encontrou-se com um javali e apeteceu-lhe divertir-se com êle. Parou e lançou-lhe êste cumprimento :

— Bons dias, meu irmão !

— Teu irmão ? ! — objectou o javali — Quem é que te autorizou a tratar-me dêsse modo ? Tenho eu porventura algum parentesco contigo ou com algum dos da tua raça ?

O burro, teimoso, sustentava que sim ; o javali, contrariando-o, jurava-lhe que os dois se pareciam tão perfeitamente como o ovo se parece com o espêto. Como a discussão prometia eternizar-se, o javali propôs que êle indicasse que semelhanças determinavam aquella sua obstinação em se declarar da sua espécie.

— Bom ! — respondeu o burro — Já que não queres que eu em tudo te seja igual, repara e examina.

E, estendendo-lhe uma das patas traseiras, prosseguiu :

— Vês êste casco ? Talvez tu sejas tão estúpido que negues haver perfeita semelhança entre êle e o teu focinho !

Subiu de ponto a indignação do cerdoso animal ; pôde, porém, refrear a tempo a sua cólera e limitou-se a castigá-lo com estas palavras ásperas e insultuosas :

— À tua insolência poderia eu responder condignamente ; mas não quero sujar-me no sangue imundo de animal tão estúpido e repelênte como tu. És a vergonha dos solípedes. Fica-te para aí, miserável !

O onagro, sem retorquir, engoliu a afronta ; mas é quasi certo que não aproveitou a lição...

Estudo da fábula

O burro e o javali.

1

Interrogatório:

- Onde se encontraram os personagens da fábula?
- Qual deles era o mais nobre? Por quê?
- Que questão se levantou entre eles? Por quê?
- Que afirmava o burro?
- E o javali que lhe respondeu?
- O burro deu-se por vencido? Que disse?
- Como é que o javali castigou o asno?
- Que nos faz lembrar este burro?

2

Exponha oralmente a fábula, em 5 minutos, desenvolvendo-a o mais que puder.

Conjugué os verbos *encontrar-se*, *apetecer-lhe* e *divertir-se*.

Forme as famílias das seguintes palavras: *freqüente*, *vadio*, *apetecer*, *divertir*, *parar*, *cumprimento* (cfr. *comprimento*), *objectar*, *autorizar*, *teimoso*, *perfeitamente*, *discussão*, *prometer*, *propor*, *indicar*, *semelhança*, *determinar*, *obstinação*, *declarar*, etc.

Indique sinónimos, antónimos, homónimos, homógrafos e homófonos.

Análise, gramatical e logicamente, os dois primeiros períodos.

3

Redija livremente, em 20 linhas, com mais pormenores.

XIII

O lóbo e o cão.

A TRAVÉS do descampado ia uma vez um lóbo muito magro, de cabeça baixa, a pensar na sua triste vida de fome e canseiras. Quando assim caminhava, encontrou-se com um cão muito grande, mas nutrido, gordo, de pêlo luzidio, com ar de quem vive uma vida feliz. Como se conheciam, logo entabularam conversa. O primeiro a falar foi o lóbo:

— O' amigo cão, como é que conseguiste engordar tanto? Nem pareces cão! Olha para mim. Só tenho pele e osso. Pouco me falta para rebentar de fome!

Despreocupadamente, respondeu-lhe o cão:

— Pois, amigo lóbo, podias vir a ser tão gordo como eu. Para isso, bastava prestares a um dono os mesmos serviços que eu presto ao meu.

— Quais são? — perguntou o lóbo, todo interessado.

— Muito simples: guardavas-lhe a casa, impedindo que os ladrões o assultassem de noite.

E o lóbo, todo contente:

— Está dito. Sempre há de ser mais agradável viver debaixo de telha e ter sempre que comer, do que andar ao frio, à chuva e ao vento, e com o estômago a dar horas.

— Nesse caso, vem daí comigo! — disse o cão.

— Vamos lá! Tratemos então de arranjar pessoa que necessite dos meus serviços! — concluiu o lóbo.

E lá seguiram os dois, sempre em conversa.

Mas, a certa altura, o lóbo notou que o companheiro tinha o pescoço pelado. Parou e fêz-lhe esta pergunta:

— Olha lá, ó cão! Que é que tens no pescoço?

— Eu?! Nada!

— Não, meu amigo ; — insistiu o lóbo — tu tens o pescoço pelado. Que foi isso ?

— Ah ! — respondeu o cão, engulindo em sêco — Isto é da coleira, com que à noite costumam prender-me. Porque eu à noite estou preso. Estou preso, mas de dia posso andar por onde muito bem me apetece. E a barriga sempre cheia do bom e do melhor !

— Então, adeus, meu amigo !

E, dizendo isto, o lóbo ia a retirar-se.

— Não vens ? ! — perguntou o cão, espantado.

— Não. Não vou. Antes quero ser livre com a barriga vazia, do que escravo com ela cheia dos melhores acepipes. Adeus !

E voltou para a floresta, onde o esperava a fome.

bibRIA

Estudo

Interrogatório semelhante ao das fábulas anteriores.

Exposição oral do assunto, em determinado tempo, com bastante desenvolvimento.

Exposição oral, sem o emprêgo do discurso directo.

Exercícios de vocabulário (famílias de palavras, sinónimos, antónimos, etc.): canseira, encontrar-se com, nutrido, luzidio, conseguir, despreocupadamente, prestar, interessado, impedir, assaltar, agradável, arranjar, necessitar, insistir, apeteecer, etc.

Exercícios de flexão de palavras.

Redacções livres, supondo a narração feita pelo lóbo ou pelo cão, com o emprêgo exclusivo do discurso indirecto.

Redacção sob o tema — «O amor da liberdade».

XIV

O burro e o leão.

O leão queria caçar, não porque tivesse fome, mas porque havia já uns dias que não tinha o prazer de matar animal algum. A floresta, tôda sombreada de árvores muito grossas e velhas, estava deserta. Nenhum animal se atrevia a sair da sua morada, porque bem sabia que o leão, seu feroz e implacável inimigo, andava por aqueles sítios.

Que fez a fera? Foi chamar um burro, seu conhecido, e diz-lhe:

— Ó burro, vais-me fazer um favor. Vês êstes ramos? Cubro-te muito coberto com êles, e tu, quando eu te der sinal, hás de zurrar com quanta força tiveres.

— Para quê? — perguntou o burro, que, como estúpido que era, não sabia o que o leão queria dizer com aquilo.

O leão respondeu-lhe:

— Os animais da floresta, quando te ouvirem, sairão, cheios de medo, dos esconderijos, fugirão para todos os lados, e eu fartar-me hei de matar neles.

— Está bem! — disse o burro — Pronto!

E deitou-se.

O leão cobriu-o com os ramos, e tão bem o cobriu, que não haveria ninguém, por mais esperto, que dissesse que estava ali um burro. Depois de fazer outras recomendações ao asno, o leão desapareceu por entre as árvores, e daí a bocado soltava, já longe, um rugido semelhante a grande trovão em noite de temporal.

O orelhudo pôs-se logo a zurrar. E aí começam a aparecer, fugindo para todos os lados, as lebres, os coelhos

e os gatos bravos. Depois vieram os veados e as corças, as zebras, e tóda a restante bicharada do bosque.

E o burro sempre a zurrar! E o leão, lá ao longe, dum lado para o outro, sempre a matar, sem que lhe escapasse um só dos animais!

Ao cabo de meia hora de espantosa carnificina, deixou o leão em paz os restantes fugitivos e foi ter com o burro, que ainda não tinha um instante deixado de atroar os ares com a sua enfadonha voz.

— Pára lá, pára lá! — ordenou êle, ainda a distância.

O burro, que já suava de cansado, pôs-se imediatamente em pé, sacudindo-se todo. E disse para o leão, quando êste chegava, coberto de suor e de sangue:

— Que tal? Fiz, ou não fiz um figurão?

O rei dos bosques quis então divertir-se à custa do asno, e disse-lhe:

— Oh! Muito bem! Tudo fugiu com medo! Eu próprio, se não soubesse que és burro, com certeza, e mais sou leão, teria fugido a sete pés, sem pinta de sangue nas veias!...

Estudo

Interrogatório.

Exposição oral do assunto, como se ela fôsse feita pelo leão para ridicularizar o companheiro de caça.

Exposição oral, supondo-a feita pelo burro, para mostrar o seu pretenso valor.

Exercício de substituição de palavras e expressões pelos sinónimos correspondentes.

Organização cuidada de famílias de palavras: caçar, prazer, matar, floresta, sombreado, atrever, feroz, implacável, inimigo, estúpido, recomendação, desaparecer, semelhante, carnificina, cansar.

Redacções livres, com o emprêgo do discurso directo nas falas do leão, e do indirecto nas do burro.

XV

A rapôsa e a cegonha.

DAVAM-SE muito bem a rapôsa e a cegonha. Visitavam-se às vezes, e não era raro ficarem horas e horas a falar das suas vidas e ocupações.

Em certa ocasião, vai a rapôsa a casa da amiga e diz-lhe:

— Há de desculpar que eu a não tenha visitado, já há uns dias. Não julgue que sou ingrata. É que tenho tido muito que fazer. Hoje venho pedir-lhe um obséquio: desejava que a minha amiga fôsse amanhã a minha casa dar-me o prazer de almoçar comigo. Terei lá um petisco, de que muito há de gostar.

A cegonha ouviu com tôda a atenção a fala da rapôsa, disse-lhe palavras de estima e prometeu que não faltaria. No dia seguinte, à hora marcada, chegava a cegonha à toca da rapôsa, onde esta a recebeu com muitas provas de amizade. Decorrido pouco tempo, a rapôsa levou a convidada à sala de jantar, que estava cheia de inúmeras peças de caça — coelhos, galinhas, frangos, e outros animais de penas —, tudo muito bem disposto.

A cegonha não escondeu a sua admiração por tudo quanto via e fartou-se de gabar o bom-gôsto da sua hospedeira.

A rapôsa disse-lhe:

— O que lhe vou dar é um acepipe admirável. Quere ver?

E foi buscar um grande prato, dentro do qual vinham umas papas de farinha de milho, muito rarinhas, que deitavam um cheiro de regalar.

— Vamos a comer! — acrescentou ela. — Não faça cerimónias!

Dizendo isto, começou a servir-se gulosamente, sem sequer olhar para a conviva.

A cegonha ficou entupida, de espanto, e não sabia o que dissesse à rapôsa. Ela bem picava no prato; mas, como tinha o bico muito comprido, nada podia comer.

Dentro de poucos minutos não havia no prato o mais leve sinal de comida: a descarada rapôsa tinha feito desaparecer tudo! Por fim, até lambeu a vasilha!

Vexadíssima com a scena, a cegonha foi-se embora; mas, de si para si, jurou vingar-se.

Daí a uns dias, visitou a rapôsa e convidou-a também para um almoço.

A rapôsa apareceu, tôda lampeira, já preparada para a comezaina. Depois dos cumprimentos, a cegonha foi à cozinha, trouxe uma garrafa de gargalo largo, pô-la em frente da hóspeda e disse:

— Minha amiga, aqui tem o mesmo petisco com que me mimoseou há dias! *Vamos a comer! Não faça cerimónias!*

E, em seguida, meteu o bico pelo gargalo da garrafa e começou a sua refeição. A rapôsa — já os meninos estão a adivinhar! — não conseguiu comer. Ficou, como se costuma dizer, a ver navios, e a cegonha ingeriu as papas até o último gole.

Estudo

Interrogatório semelhante aos anteriores, acrescentado com perguntas acerca dos costumes, alimentação e utilidade dos animais que na fábula entram.

Exposição oral do assunto, em 10 minutos, com a conversão do discurso directo em indirecto.

Exercícios variados de vocabulário.

Redacção livre, subordinada à epígrafe de — «Onde elas se fazem, aí se pagam».

XVI

O cavalo, o javali e o homem.

PELO extenso vale corria o riacho, cujas margens, cortadas quasi a pique e cobertas de árvores frondosas, em que predominava o carvalho, eram um encanto para a vista. Perto da miserável povoação, exclusivamente habitada por moleiros, o ribeiro formava uma pequena represa, sobre a qual fôra lançada uma simples ponte, por onde se servia a gente daqueles sítios.

A êsse remanso de água costumava ir todos os dias um cavalo matar a sede. Chegava, baixava a cabeça e ali se ficava uns instantes, com tôda a despreocupação e delicia, a sorver daquela água, límpida e saborosa como não havia outra.

Ao mesmo riacho e ao mesmo local, foi em dia de muito calor tomar banho um javali. Meteu-se na água, e então é que era vê-lo a chafurdar, a chafurdar, todo consolado!

Pouco depois, chegava o cavalo. Vendo a água suja, fartou-se de insultar o nadador, chamando-lhe todos os nomes feios que tinha na sua colecção. O javali, a princípio, não fêz caso; mas, como os insultos se iam tornando insuportáveis, saiu da água e foi contra o atrevido, disposto a castigá-lo severamente.

O cavalo, contra o que era de esperar, não lhe fêz frente: largou à desfilada. Mas, para se vingar, dirigiu-se a um homem que passava, contou-lhe tudo e pediu-lhe fôsse castigar o insolente javali.

O homem conveio; e, para chegar mais depressa junto do *criminoso*, combinou com o cavalo que êle o transportaria até o local do *crime*. Assim se fêz, e êles aí vão.

Chegados ao riacho, viram que o javali se tinha novamente metido na água e novamente se chafurdava. Não foi difícil ao homem dar-lhe a morte. Preparou convenientemente a besta e desferiu uma seta. O animal, ferido no coração, rebolou-se na água, em grandes ânsias e grunhidos, mas em breve morria.

O cavalo, muito satisfeito, dispunha-se a agradecer o auxílio prestado, mas o homem disse-lhe:

— Ó meu amigo, tu agora pertences-me. Até aqui, ignorava eu o préstimo que tinhas; agora já te não largo.

E prendeu-o com uma corda.

Sentiu-se ludibriado o solípede. Mais tarde, domado por áspero freio e espicaçado a cada passo pelas esporas do dono, a quem levava a tóda a parte, o cavalo pensava entre si:

— Que tolo que eu fui! Quis vingar-me do javali, a trôco duma suposta ofensa, e a-final tornei-me escravo!

Mas de nenhum lenitivo lhe serviam estas e outras considerações: a sua escravidão era completa.

Estudo

Interrogatório: em primeiro lugar, sôbre o entrecho da fábula; depois, âcerca da utilidade do cavalo e serviços que presta ao homem, e por fim âcerca dos costumes e habitat do javali.

Exercícios orais variados, com a transformação do discurso indirecto em directo, e vice-versa.

Exercícios de vocabulário e de gramática.

Redacção livre, em que se verbera o procedimento do cavalo.

Redacção livre, transformando o discurso indirecto em directo, e vice-versa.

XVII

As duas cobras.

Em dia de inverno, frio e nevoento, andava um grupo de trabalhadores a fazer uma excavação no quintal de lavrador abastado, quando um dêles, de repente, chamou a atenção dos restantes para qualquer coisa que havia encontrado.

— Venham cá, venham cá! — exclamou êle.

— É alguma panela de libras? — perguntou um.

— Temos por aí algum tesouro? — gracejou outro.

— Nada, nada! São duas grandes cobras.

Todos foram ver. Eram realmente cobras, que naquele lugar hibernavam, metidas na terra acolhedora. Pareciam mortas.

Um dos jornaleiros queria logo matá-las, como é costume fazer-se nas aldeias, pois a gente ignorante, quando encontra certos animais — sapos, lagartos, ouriços-cacheiros e outros que tais, de grande utilidade para a agricultura —, logo lhes tira a vida, inexoravelmente.

Mas os outros trabalhadores, mais pela curiosidade de observar demoradamente o achado, do que por comiseração, opuseram-se.

O mais velho de todos contou peripécias passadas com cobras, nos seus tempos de rapaz. Referiu também, com ares professorais, que vira no Brasil, onde mourejera bons vinte anos, cobras da grossura dum braço e que até havia pessoas que as comiam, como quem come carne de vaca.

Nisto, veio o lavrador; e, ignorante, supôs que os animais estavam assim enteiriçados devido ao frio. Com pena das cobras, abaixa-se, apanha-as e mete-as no peito, entre a carne e a camisa.

De repente, sentiu uma forte picada, a que logo sucederam dores horrorosas. Sacudiu para o chão os dois reptis; e, perante o atônito grupo dos serviçais, largou à carreira para casa, de braços abertos e aos gritos, e dizendo que morria.

Suspenderam-se os trabalhos, os homens correram atrás do lavrador, e os dois ofídios para ali ficaram, meio encobertos pela terra revolta. Então uma das cobras, erguendo a cabeça, perguntou à cobra malfazeja:

— Olha lá, ó víbora! Por que é que mordeste àquele bom homem, quando êle procurava reanimar-te?

— Mordi-lhe para que êle fique sabendo que não é impunemente que se socorrem os maus!

E — «por bem fazer, mal haver» —, dentro de pouco tempo, no meio de dores cruciantes, morria o compassivo lavrador.

bibRIA

Estudo

Interrogatório sobre o assunto, falando também, a propósito, de animais úteis e prejudiciais ao homem, e caracterizando as estações do ano.

Exercícios orais, com transformação do discurso directo em indirecto, e vice-versa.

Exercícios de sinónimos, antónimos, homónimos, homógrafos e homófonos.

Análise lógica.

Conjuge: querer matá-los, opor-se, abaixar-se, apanhá-las, metê-las, morder-lhe.

Redacção pormenorizada, supondo a narração feita por um dos trabalhadores, com uma ligeira descrição do dia de inverno em que se passou o que se refere.

Redacção subordinada ao tema — «Por bem fazer, mal haver».

XVIII

A rapôsa e a máscara.

ERA bastante velha aquela rapôsa e por isso tinha, para relatar à família e às colegas, farta colecção de aventuras, cortadas de incidentes e sérios perigos, de que sempre escapara incólume.

Nunca a sorte lhe fôra inimiga: as balas dos caçadores sempre a haviam poupado, como se ela tivesse o condão de as desviar para longe; os cães, por mais velozes que fôsem, não eram capazes de a alcançar; jamais caíra em ciladas; uma vez mesmo, surpreendida dentro dum galinheiro pelo criado da casa assaltada, tivera artes de se esgueirar, antes que o espertalhão, introduzindo-se no poleiro, no meio do alitivo cacarejar das galinhas, lhe deitasse as manápuas para a subjugar.

Mas não queria morrer sem visitar a cidade, àcerca da qual várias rapôsas, suas conhecidas, lhe tinham falado muitas vezes com o entusiasmo de quem nunca tinha visto coisa tão linda e emocionante. Disfarçou-se, pois, o melhor que pôde, para não ser conhecida dos homens, e pôs-se a caminho.

la muito satisfeita. Ao cabo de duas horas de viagem, chegou às portas duma grande povoação, e logo viu que era a cidade. A-pesar-de não conhecer os costumes da terra, o astucioso e sagaz animal penetrou na rua mais ampla, como se já estivesse muito habituado a trilhá-la. Era pelo meio da tarde. Como ninguém lhe prestava atenção, seguiu despreocupadamente, para não levantar suspeitas.

E fartou-se de passear. Viu praças, viu ruas e avenidas larguíssimas, arborizadas e muito bonitas; viu estátuas e palácios sumptuosos e muitas pessoas que iam e

vinham, umas atarefadas e pressurosas, outras simplesmente passeando e distraíndo-se.

Raras vezes se detinha, a observar. Defronte duma loja, porém, alguma coisa chamou a sua atenção. Era um estabelecimento onde se vendiam livros e objectos carnavalescos. À porta, uma grande máscara estava fitando, com riso alvar e bamboleando à aragem que corria, todos quantos passavam.

— Oh que cara tão linda! — exclamou a rapôsa, embasbacada diante daquele fenómeno.

Mas em breve, verificando que a máscara era oca, acrescentou, como se em vez de rapôsa fôsse gente:

— És muito bonita, és! Mas — coitada! — falta-te o miôlo! És como a maior parte das pessoas, que julgam valer muito e a-final para nada prestam!

E prosseguiu, muito interessada. Visitou ainda outros pontos da cidade; e, ao cair do sol, lá ia ela, já longe da povoação, tôda contente, mortinha por chegar à sua toca e por se despojar dos vestidos, que lhe não pertenciam e a incomodavam.

Estudo

Interrogatório, com insistência sôbre os costumes e manhas da rapôsa.

Exercício oral àcerca do assunto, inventando o itinerário seguido pela viajante e imaginando várias peripécias da viagem.

Exercício de vocabulário e gramática: farto, colecção, aventura, surpreender, assaltar, introduzir-se, astucioso, sagaz, sumptuoso, distrair, observar, prosseguir.

Substituição dos mais-que-perfeitos simples pelos compostos correspondentes: fôra, caíra, tivera.

Redacção livre, na hipótese de ser a rapôsa quem conte a sua resolução de ir visitar a cidade, e tudo quanto lá viu.

XIX

O veado, a ovelha e o lobo.

NAQUELA manhã, o pobre veado pôs-se a considerar a sua situação e concluiu que não havia, por tôdas aquelas redondezas, nenhum ser mais infeliz do que êle. Não tinha em casa nada que comer, e via numerosa família a sustentar. Todos os outros animais tinham, mais ou menos, assegurada a sua subsistência; êle e os seus, sem meios de vida, só possuíam o recurso de morrer à fome. Na ocasião, passou um lobo amigo, a quem resolveu expor as suas apreensões.

O lobo, sempre pronto em resolver dificuldades, abriu a boca em longo bocejo, e disse:

— Não sei que lhe faça, meu amigo. Só se a sua comadre ovelha lhe puder emprestar algum alqueirezito de grão! Mas ela, como você muito bem sabe, é muito agarrada. Talvez não seja mau tentar. Por que o não faz? Se quiser, eu fico por fiador.

A ovelha acabava de amamentar os anhos, seus filhos, e deixava-os a dormir no seu modesto cortelhô, quando, na revolta do caminho, ao lado um do outro, vê vir naquela direcção o seu compadre veado e mais o lobo. Ficou desconfiada e alguma coisa apreensiva e pensou consigo:

— Que farão por êstes sítios os dois figurões? Aqui há coisa!

Recolheu-se o bom do animal e fechou a porta. Pouco depois, aí lhe batem êles à cancela.

— Então que há? — inquiriu a dona da casa, depois de abrir.

Respondeu o veado:

— Tenho agora muita falta de cereais lá no meu

celeiro, pois o ano foi-me muito escasso. E, como a comadre muito bem sabe, a gente não há de morrer à fome. Por isso, sabedora de que teve farta colheita, lembrei-me de si, para lhe pedir emprestado um pouco de trigo — aí um alqueire já me remedeia! —, mas com tôdas as garantias que a comadre, com justa razão, sempre costuma exigir. Em resumo: o lobo, coitado, presta-se a ser o fiador da pequena dívida.

— Não tenho nisso a menor dúvida! — concordou a fera.

A ovelha mastigava em sêco, recolhida em seus pensamentos. Depois, respondeu:

— Tenha paciência, senhor compadre, mas eu não lhe empresto um alqueire, nem meio, nem uma quarta, nem sequer um selamim de trigo ou cevada! E sabe por quê? Escusa de insistir mais, que nada conseguirá. É que não me convém o devedor nem o fiador que apresenta, e por isto: no dia do pagamento, se eu o procurasse, você fugia com a ligeireza que todos lhe conhecemos e admiramos, e eu ficaria a olhar; se fôsse bater à porta do lobo, ele, em resposta — eu conheço-o muito bem! —, era capaz de se vingar de mim, matando-me, e aos meus filhos! Nada, nada, meu amigo! A respeito de empréstimo, temos conversado!

Em face disto, pedinte e fiador, sem quaisquer objeções, retiraram-se pelo mesmo caminho por onde tinham vindo.

Estudo

Interrogatório sobre o entrecho da fábula, e ainda acerca dos costumes, habitat e utilidade dos três mamíferos.

Exposição oral, livre, do assunto.

Redacção livre, supondo a narração feita pela ovelha, pelo lobo ou pelo veado.

XX

O anho e o cão.

ERA na encosta da montanha, à hora em que os rebanhos descansavam e os pastores tocavam em rústicos e velhos instrumentos as velhas canções que já haviam tocado seus pais e avós. Os animais, espalhados pelo monte, com as barrigas a impar, ruminavam silenciosamente, enquanto um ou outro cabritinho ou cordeirito pulava em correrias desordenadas através da urze e vencendo penhascos. O sol caía por detrás das cumiadas, despedindo os últimos raios.

Numeroso bando de gralhas passava, crocitando. Um pastor, dos mais supersticiosos, que viu nisso mau agouro, foi logo buscar a caçadeira, fez pontaria em direcção das aves sinistras e desfechou, sem qualquer resultado, no meio da chacota dos companheiros, que, a rir-se do insucesso, lhe diziam que, se todos os caçadores fôsem assim hábeis, nunca ninguém se gabaria de ter comido caça e que no dia seguinte haviam de arranjar uma bela arrozada de gralhas... para êle comer. O cão, enraivecido, ladrava em direcção do bando das aves, as quais, sempre à mesma distância umas das outras, se afastavam em rumo desconhecido. Pouco faltava, certamente, para que os pastores abalassem, tangendo o gado para os improvisados apriscos.

Ora um tenro cordeirinho, branco de neve, ergueu-se trôpegamente, pôs-se a barregar com lástima e assim se dirigiu para o grupo das cabras, como em busca dalguma que o amamentasse.

A-pesar-de estranho a êstes acontecimentos, o cão notou o desassossêgo e mal-estar do anho e disse-lhe:

— Ó tolo, tu aonde vais? Não vês que a tua mãe não

pode ser nenhuma dessas cabras?! Olha: as ovelhas estão acolá, mais longe. Lá há de estar também aquela que procuras.

—Eu não busco nenhuma ovelha!—retorquiu o animalzito.

—Ó grande maluco, pois quem é a tua mãe, senão uma ovelha?—tornou o cão.

—Sim; é verdade. Foi uma ovelha quem me deu a vida. Mas não merece o nome de mãe aquela que renega os filhos, como ela fez. Outro animal me encontrou, quasi expirante, junto da fonte dos pastores, e me deu de mamar, adoptando-me como filho. Essa, sim, que é minha mãe verdadeira! A minha mãe, a que me alimenta e por mim vela, é a boa cabra que vês além. Repara com que carinho e solicitude vai receber-me.

E tropeça aqui, tropeça ali, chegou o anho junto da cabra, que logo se pôs de pé e maternalmente o acolheu.

E era curioso o espectáculo da cabra a dar de mamar, ao mesmo tempo, aos três cabritinhos, seus filhos, e àquele estranho, a quem ela tinha tanto amor como se fôsse seu!

Estudo

Interrogatório, com insistência sobre o lugar da acção e da scena pastoril com que fábula abre. O gado lanígero. Sua utilidade. O cão dos rebanhos.

Exercícios variados de elocução, sobre o assunto.

Conversão do discurso directo em indirecto.

Transformação dos advérbios de modo em locuções adverbiais.

Conversão da voz activa em passiva, e vice-versa.

Exercícios de vocabulário.

Redacções livres sobre o assunto.

Redacção sobre o amor materno e o amor maternal (cp. amor fraterno e fraternal, amor paterno e paternal).

XXI

A gata, a águia e a javarda.

NA floresta havia um alto carvalho, já muito carcomido pelos anos, onde viviam três famílias de animais: na parte inferior, num buraco que era uma espécie de rés-do-chão dessa *casa*, habitava a javarda com sua linda ninhada de bácoros; nas águas-furtadas, querê dizer: na parte mais alta da árvore, tinha a águia o ninho e dentro dêle as águiazinhas, às quais levava carne em abundância, produto das suas rapinagens; uma gata brava, mais fidalga, ocupava o primeiro andar do *prédio* com quatro gatinhos, muito engraçados e vivos, que ainda não podiam sair do seu buraco.

Durante algum tempo houve entre as três vizinhas a maior harmonia. Tratavam da sua vida, não se metiam nas vidas alheias, e cada uma delas vivia na maior paz dêste mundo.

Ora uma vez a gata, levada pela inveja que tinha do bem-estar da javarda e da águia, fêz o que as bisbilhoteiras costumam fazer entre os homens. Vendo a águia no ninho, a fazer festas aos seus meninos e a ensiná-los a comer, subiu até ela, sem que a javarda o pressentisse, e disse-lhe, muito em segredo:

— Senhora vizinha, eu vim cá acima para a prevenir de que a marôta da nossa vizinha do rés-do-chão anda a ver se deita o carvalho abaixo, para depois comer as suas águiazinhas e os meus gatinhos. Não saia de casa, vizinha, que eu faço o mesmo!

Depois, foi à toca da javarda, na própria ocasião em que ela regressava da caça, e segredou-lhe em voz muito baixa:

— Não querê saber o que eu hoje descobri? A águia,

nossa vizinha das águas-furtadas, pretende roubar-nos os nossos filhos, para sustentar os dela. Acautele-se, vizinha! Eu vou para a minha toca e não saírei de lá tão cedo!

Feito isto, a intriguista trepou de mansinho para a sua habitação e esperou o resultado das suas bisbilhotices. Para não levantar suspeitas, a espertalhona só saía de noite, à hora em que tinha mais probabilidades de encontrar caça que lhe conviesse. E tinha sorte, porque parece que os ratos reservavam a noite para as suas sortidas.

De ordinário, não se afastava para longe: escondia-se entre alguma moita de fetos e ali ficava espreitando, alapada, de orelhas fitas.

Durante muitos dias, nem a águia nem a javarda abandonavam os filhos, com receio, cada uma delas, de que a outra pusesse em prática o que fôra anunciado pela gata. De forma que dentro de pouco tempo morriam de fome, e a perversa da gata encontrou na carne dos cadáveres alimento com que, durante largo tempo, se sustentou e aos seus filhos.

Estudo

Interrogatório semelhante aos primeiros, sobre o assunto, e mais sobre o seguinte: as aves de rapina, diurnas e nocturnas, seu modo de alimentação e costumes; seu aspecto diferente; — os intriguistas.

Exercícios variados de elocução. A gata conta o sucedido, fazendo transparecer a sua perversidade.

Exercícios de vocabulário e gramática.

Flexões de palavras.

Redacções livres, em determinado número de linhas, com pormenores e com conclusão moral.

XXII

A rapôsa e as uvas.

O ano fôra muito pobre, e a rapôsa não tinha na sua toca um coelho, lebre, galinha, ou simples pintainho ou pássaro, com que ela e os seus matassem a fome. Depois de muito pensar, olhou em volta e viu que os dois filhos, e mais o avô raposo, davam tôdas as mostras de quem muito sofria à minguia de alimento. Embora soubesse que de dia lhe não era possível assaltar as capoeiras, ela aí vai, de focinho alçado, orelhas guiadas e cauda caída, a ver, a explorar.

Como ao longe, junto da povoação mais próxima, rapazes e raparigas entoavam as suas canções, a rapôsa seguiu em direcção contrária, cautelosa e atenta, para não ser surpreendida pelos caçadores, ou por algum cão.

De repente, estremeceu. Era o filho do moleiro — ela bem o conhecia! — que regressava do moínho com uma saca de farinha à cabeça. O animal esgueirou-se para trás duma silveira, e o rapazito passou, despreocupado, a roer o seu naco de broa.

Ora junto do silvado estava uma parreira de uvas: umas eram pretas, como se fôsem de azeviche; outras, loiras, muito loiras, faziam lembrar os trigais, quando estão maduros.

A rapôsa viu-as, a rapôsa tinha fome, a rapôsa quis prová-las, à falta doutro alimento. Mas elas estavam tão altas! Sentou-se, ergueu a cabeça, e pôs-se a contemplá-las, de ôlho arregalado e língua pendente e babosa.

Era impossível chegar-lhes! Lembrou-se então de saltar... E saltou. Pinchou, tornou a pinchar, mas sempre sem resultado.

Desanimada, e enquanto se dispunha a transpor novamente o silvado para alcançar o caminho, disse a meia voz:

— Ora adeus! As uvas não prestam para nada. «Estão verdes!»

Mas nesse instante um lagarto, grande e esverdeado, saindo de debaixo das silvas e das ervas, produziu um susurro que lá pareceu à rapôsa ser causado pela queda dalgum cacho. E ela, que havia pouco tinha dito que as uvas não prestavam, foi logo verificar se efectivamente o acaso lhe dava algum daqueles cachos, lindos e apetitosos, com que enganasse a fome!

O lagarto, vendo-a, meteu-se no silveiral e desapareceu rapidamente. Mais uma vez logrado, o animal seguiu então por um carreiro, aberto por entre os milheirais já amarelados, e lá foi, arrelhiada, sem esperança alguma de encontrar comida para os dois filhos e mais para o avô rapôso, a essa hora por certo já ansiosos por que ela chegasse...

E tôda se confrangia com a lembrança.

Estudo

Interrogatório.

Exposição do assunto, fazendo desaparecer o discurso directo.

Colleccção de famílias de palavras, com a indicação do sentido de cada uma e dos prefixos e sufixos.

Análise gramatical e lógica, um pouco mais desenvolvida.

Leitura da fábula, na adaptação do poeta Bocage.

Redacção, supondo que a rapôsa, já de volta, conta à família o que lhe sucedera.

XXIII

O lobo e o cordeiro.

O lobo, animal carnívoro, é um dos terríveis inimigos das ovelhas e de muitos outros animais, alguns tão inofensivos como elas. Sempre que apanha descuidados os pastores e os cães que guardam os rebanhos, entra nos currais ou nas tapadas e farta-se de matar e comer.

Ora uma vez tinham os lobos combinado com esses animais que durante um certo tempo lhes não fariam guerra. Fiado nessa promessa, um cordeirinho, muito lindo e brincalhão, afastou-se da mãe, que sossegadamente pastava numa encosta coberta de verdes urzes, e apeteceu-lhe beber uma pouca de água no riacho que perto dali corria.

Mal tinha baixado a cabecita para satisfazer o seu desejo, viu, da parte donde vinha a água, um lobo muito gordo, que para ele olhava com olhos de poucos amigos. Mas não se assustou, porque sabia, a-pesar-de novo, que ainda não tinha acabado a época da paz. Dispunha-se a beber, quando o lobo se aproximou e lhe disse, em tom áspero:

— Olá, seu fedelho, quem lhe deu autorização de sujar a água que eu estava a beber?

Logo percebeu o inocente animal que o que o lobo queria era arranjar pé para o comer. Cheio de medo, já com vontade de fugir, respondeu-lhe:

— O' senhor lobo, eu não posso sujar-lhe a água. Estou cá muito abaixo, e a água corre do senhor lobo para mim.

— Sim, é verdade! — disse o malvado. — Mas tu sujaste-me o ano passado. Agora me lembro de que foi o ano passado que me fizeste essa partida.

O cordeirinho não teve mão em si que se não risse.

— Ora essa! — disse êle. — Boa vai ela! O ano passado ainda eu não tinha nascido. Eu só tenho uns meses, creio que seis.

Viu o lóbo que não ia bem, e procurou outro pretexto, já ansioso por cravar os dentes no pobre animalzinho.

— Ah, sim! Estava enganado! — tornou êle. — Quem me sujou a água foi teu pai. Portanto, vais tu pagar êsse crime.

A-pesar-de fraco, o cordeirinho tentou fugir à morte. Como entre êle e o lóbo ainda mediavam uns bons passos, aí vai, aflito e tremente, aos saltos desesperados, e balando, balando angustiadamente.

— Espera, que eu te ensino! — resmungou a fera, saltando por sôbre as poldras que se erguiam no meio da água.

Mais dois saltos, e estava junto do cordeiro. Deitou-lhe a bocarra ao pescoço, e daí a pouco o inocente era feito em pedaços!

Estudo

Interrogatório idêntico aos primeiros, mas chamando especialmente a atenção dos educandos para os lobos das sociedades humanas.

Exercícios de elocução, mais desenvolvidos, com a conversão do discurso directo em indirecto.

As famílias de palavras e suas flexões.

Leitura da admirável e conhecidíssima adaptação do P.^e Manuel Bernardes.

Exercícios de redacção livres, sendo um feito na hipótese de ser o lóbo o narrador.

XXIV

As cabras que querem ter barbas.

UMA vez, as cabras resolveram ir pedir a Júpiter a graça de lhes dar uma barba semelhante à dos bodes. Feito o pedido, foram-se embora para junto dos machos e esperaram que o deus lhes desse uma resposta e lhes fizesse a concessão.

Mas a sua diligência foi logo conhecida, provavelmente porque alguma delas não soube guardar segredo. Muito indignados, os bodes dirigiram-se a Júpiter, junto do qual um dêles levantou a voz, dizendo estas palavras de protesto contra a pretensão das cabras:

— Vimos aqui junto de vossa majestade, eu e os meus companheiros, por causa do pedido que as descaradas das nossas fêmeas há dias fizeram a vossa majestade. Nós não podemos consentir que elas venham a usar um enfeite que só a nós pertence, desde que foi criado o primeiro bode. Vossa majestade não nos atenderá; mas pode ficar certo de que faremos tudo quanto pudermos para que esta injustiça não vá por diante. Tenho dito.

Júpiter estava nesse dia muito bem disposto, e por isso não se zangou com o bode-orador, a despeito de êle ter falado em termos ásperos de mais. Não se zangou, nem sequer mandou chamar os seus guardas, para expulsarem à pancada os importunos. Muito ao contrário, riu-se estrondosamente, cofiou as longas barbas e respondeu:

— Senhor bode, a-pesar-de o senhor ter sido atrevido e insolente, eu quero responder-lhe, para que se não possa dizer que só presto atenção às reclamações dos poderosos. Ora saiba, seu pedantão, que, se as cabras vierem a usar barba, como os bodes, nem por isso deixareis de ter a mesma

importância e valor. O que distingue os fortes dos fracos, os inteligentes dos estúpidos e os bons dos maus não são as insignias nem os enfeites: é o valor, a força, a boa educação! Saiam, e nem mais uma palavra a tal respeito! Farei o que muito bem entender, e vós não tereis o direito de apresentar qualquer reclamação.

Os bodes, envergonhados mas convencidos de que era estulta a sua pretensão, voltaram para o curral e nesse dia já comeram com mais apetite. E, quando algumas das cabras apareceram com aquelas barbas cheias de austeridade, os bodes não recalcitraram, porque, a-pesar disso, não haviam perdido a importância que lhes dava a sua qualidade de machos.

Um dêles, chamando os outros de parte, disse-lhes:

— Júpiter, o velhote, tinha carradas de razão, quando nos dirigiu aquelas severas palavras. A cabra, com barbas ou sem elas, há de ser sempre cabra!

Estudo

Interrogatório semelhante aos primeiros, insistindo sobre a pretensão das cabras e o estulto desejo dos machos.

Exposição oral do assunto, inventando a fala duma das cabras junto de Júpiter e convertendo o discurso directo em indirecto e vice-versa.

Exercícios de vocabulário, com exemplificação das palavras compostas do tipo de bode-orador (verde-claro, azul-escuro, agri-doce, luso-brasileiro, etc.).

Redacção livre, em certo número de linhas, tirando a respectiva conclusão moral.

XXV

O leão moribundo.

NA sua caverna, abandonado dos amigos e dos filhos, estava deitado um leão, à espera de que a morte lhe quebrasse o último e débil fio de vida que ainda o prendia ao mundo. Tinha sido bonito e forte; agora, velho e alquebrado, só poderia mover a piedade dos corações generosos.

Sabendo do seu estado deplorável, vieram todos os animais que êle tinha maltratado ou perseguido. Vieram corças, veados, zebras, vieram ainda outros, e nenhum dêles ousou aproximar-se da fera. Limitavam-se a observar cuidadosamente o moribundo, e até um veado, ao sair, dissera para os que o acompanhavam:

— Coitado! A-final, é digno de lástima. O que êle se encarniçava contra nós, ainda não há muito tempo! Agora, para ali está, mais morto do que vivo! « Quem te viu e quem te vê! » Chego a ter pena do desgraçado!

A certa altura, veio o toiro, veio o javali e o burro. Mas nenhum dos três se atrevia a transpor a entrada do covil, com receio de que a fera, num último ímpeto, vingasse com sangue o atrevimento. E assim estiveram alguns minutos. Por fim o toiro, mais resoluto, entrou cautelosamente, e os restantes seguiram atrás.

Chegados que foram junto do leão, verificaram que nada tinham a temer do seu antigo e sanguinário inimigo: pouco tempo poderia viver, tal o seu estado de abatimento.

Sem palavras, o toiro aproximou-se e investiu contra o moribundo, ao qual feriu com as afiadas pontas. O doente não deu sinal de si: parecia já mergulhado no sono da morte.

Vendo que aquela afronta ficava sem castigo, o javali avançou furiosamente e espetou no corpo do inimigo os seus dentes anavalhados.

O burro não esperou mais: virou-lhe a traseira e disparou naquele inútil montão de carne duas fortes parselhas de coices.

Dizem que só nesta altura é que o leão deu acôrdo, não para castigar os insolentes, mas para dizer, já no último arranco de vida, dirigindo-se ao toiro e ao javali:

— A vós, que sois fortes, tudo perdão!

E depois, fitando o burro:

— Quanto a ti, ó burro, ver-te aqui, ser maltratado por uma criatura tão desprezível como tu — equivale a morrer duas vezes!

E expirou.

bibRIA

Estudo

Interrogatório sôbre o assunto. Animais ferozes. Os que se encontram nos jardins zoológicos.

Exercícios de elocução, com insistência sôbre os lugares onde se passaram os sucessos.

Leitura da poesia do mesmo título, de João de Deus.

Colecção das famílias de palavras.

Exercícios de análise gramatical e lógica.

Redacções variadas, supondo a narração feita pelo toiro, pelo javali ou pelo burro.

XXVI

O lobo e o grou.

SABE-SE que em tempos muito antigos um lobo, esfo-meado, se atirou a um cordeiro, e com tanta sofreguidão começou a comê-lo, que lhe ficou entalado um osso na garganta. Afrito, cheio de dôres e quâsi afogado, o desgraçado pôde, ainda assim, gritar por socorro. Em voz sumida, e todo humilde (como se não fôsse lobo), pediu a cada um dos animais que iam passando o livrassem daquela situação difícil e prometia-lhes, em paga, um bom prêmio.

Mas nenhum dêles teve pena, a não ser um grou — ave de bico comprido e pernas altas —, que dêle se aproximou resolutamente, e lhe disse:

— Que sente vossa senhoria?

— Ai, senhor grou! Vou morrer! — respondeu o marôto do lobo, a chorar. — Tenho um osso nas goelas. Faça-me vossemecê o favor de ver se mo tira com o bico, que eu não lhe ficarei a dever a fineza.

— Ora vamos lá a isso! — disse o grou. — Sente-se vossa senhoria, abra a bôca e deixe-se estar muito quietinho. Creio que me não há de ser muito difícil fazer o que me pede.

O lobo, que se queria ver livre daquelas dôres e ânsias, não se fêz rogado, e logo se colocou na posição indicada.

O grou... zás! Foi um ar que lhe deu: em menos de meio minuto tinha feito ao lobo a extracção do osso.

— Pronto! Cá está!

— Agora estou melhor! — disse, todo contente, o lobo. — Não ganhei para o susto. Adeusinho!

E preparavá-se para seguir viagem.

O grou reconheceu que fôra enganado. No entanto,

para que o outro o não tomasse por tolo, sempre lhe foi dizendo:

— Então o prémio?

— Que prémio? — respondeu, muito espantado, o lóbo.

— O prémio que vossa senhoria me prometeu!

— Ora deixa-te de tolices, amigo grou! — exclamou o lóbo, a rir-se como um perdido. — Levanta as mãozinhas ao céu, por eu te não ter matado, quando tu, como parvo, vieste meter o teu bico e o teu pescoço na minha goela. Vai-te embora, e nem sequer olhes para trás.

E pôs-se a caminho, como se a acção que acabava de praticar não tivesse sido uma pouca-vergonha, semelhante a tantas que os homens costumam fazer uns aos outros.

Quando a fera já ia longe da vista, os animais que lhe tinham negado auxílio e se achavam, por curiosidade, perto do local, acercaram-se do grou e fizeram-lhe grande surriada:

— Foi muito bem feita a partida! — disse uma gorda lebre, saindo dum silveiral e dando três saltos, de contente.

— Grande parvo, forte palerma! — exclamou, quasi em côro, a restante bicharada.

E o grou, não prestando ouvidos, declarou-lhes que, a-pesar-de tudo, ainda não estava arrependido do bem que tinha feito.

Estudo

*Interrogatório, com insistência sobre a ingratição do lóbo.
As aves pernaltas, como o grou.*

Exercícios de elocução, mais desenvolvidos, com a conversão do discurso directo em indirecto.

Exercícios de vocabulário.

Redacções variadas e desenvolvidas, supondo a narração feita pelo lóbo, pelo grou ou pela lebre que no fim intervêm.

XXVII

A águia, a gralha e a tartaruga.

A falta de melhor presa, a águia apoderou-se duma enorme tartaruga que vira junto de água e, tóda satisfeita, levava-a nas poderosas garras, com o fim de a dividir pelos filhos. O ninho ficava nos píncaros da montanha, alta e escarpada, aonde difficilmente poderiam chegar os inimigos. Quando pouco faltava para atingir os seus domínios—aquêlê vasto e quási inacessível reino de rochas e escarpas,—cruzou-se com uma gralha, sua conhecida e amiga, que a saudou e continuou voando.

Chegando junto do ninho, depôs a tartaruga sôbre uma larga pedra; e, depois de verificar se os filhos estavam bem, tornou ao seu fardo, disposta a matar a tartaruga e com o intuito de a partir em bocados. Estava a pensar na maneira de o fazer, considerando a dureza da carapaça que envolvia o animal, quando lhe aparece a gralha. X

—Então por cá, minha amiga?—preguntou a águia.

—Olhe—respondeu a outra,—o que me traz cá é uma coisa muito simples. Eu, para lhe falar com tóda a franqueza, não podia muito vir cá acima à montanha, porque tenho um filho muito doente e receio que êle morra, sem os meus carinhos. Mas, como a encontrei há pouco com um fardo tão incômodo e inútil, pensei de mim para mim que lhe prestaria óptimo e louvável serviço, se lhe viesse dar certas instruçõeszinhas sôbre o modo de se utilizar duma presa a que a minha amiga não está, por certo, habituada. Ora aqui tem o motivo da minha inesperada visita.

E, depois duma ligeira pausa, prosseguiu:

—Então? Já descobriu como há de desfazer-se dessa rija casca que esconde a carne da sua vítima? X

— Se quere que lhe diga, ainda não descobri coisa nenhuma! — disse a águia.

— Pois é fácil! — volveu a gralha — É fácil, e a minha boa e ilustre amiga nada conseguirá sem o meu auxílio e conselho. Se promete dividir comigo...

— Prometo, sim! — interrompeu a ave de rapina, sem esperanças de, só por si, resolver o problema.

— Muito bem! Assim é que é falar! A minha amiga pega novamente na tartaruga, eleva-se com ela à maior altura que puder e deixa-a cair em cima destes penedos. O córneo envólucro partir-se há em mil pedaços, e o resto... O resto é fácil adivinhá-lo.

E a tartaruga, que se supunha tão protegida contra os inimigos, ali teve o seu fim, graças à maléfica intervenção da gralha-conselheira.

bibRIA

Estudo

Interrogatório, com insistência sobre o carácter de cada um dos personagens. As tartarugas e os cágados. Seus costumes e habitat.

Exposição do assunto, em certo tempo, sem o emprêgo do discurso directo.

Exercício de vocabulário.

Redacções variadas.

Redacção, supondo que é a gralha quem faz a narração.

XXVIII

Os cães que bebem o riacho.

Dois cães dum fazendeiro dirigiam-se para casa do dono, depois de larga excursão pelas aldeias circunvizinhas. Como o calor começasse a apertar — era em julho, um julho sêco e quente —, deliberaram embrenhar-se num souto de castanheiros, a-fim-de descansar um pouco, gozando o fresco à sombra das árvores. Assim fizeram. Chegados à parte mais espessa do arvoredor, deitaram-se, ofegantes, com a língua de fora e cheia de baba; e, depois de terem trocado algumas palavras, adormeceram profundamente.

Assim estiveram durante muito tempo. O primeiro a acordar foi o mais velho, animal vivo e esperto, que, ao menor ruído, nunca podia dormir. Ergueu-se, espreguiçou-se e chamou o companheiro, a essa hora ainda a ressonar. E conversaram. Lastimaram encontrar-se ainda longe de casa, sem côdea ou osso que pudessem trincar e com os estômagos vazios. Mas, por muito custoso que isso lhes fôsse, era necessário prosseguir. Sem mais demoras, portanto, lá se puseram de novo em marcha.

Decorrida meia hora, atingiram o pequeno ribeiro, que corria junto de lugarejo insignificante, habitado por gente pobre e pacífica. Teriam de o atravessar a nado, porque a ponte ficava distante; isso, porém, não os contrariou: com o calor, cada vez mais intenso, era até agradável. Quando estavam para se lançar à água, diz o mais novo:

— Olha, olha! Temos ali que comer!

— Onde? — inquiriu o outro, dando já ao queixo e mexendo a língua.

—Acolá, na água!—volveu aquêlê.—É um coiro, que está de mólho. Não é muito boa comida, mas serve, para quem não possui coisa melhor.

O outro cão achou disparatada a proposta, pois a água era ali bastante profunda, e êles não poderiam extrair dela o rijo coiro.

—De quê nos serve isso?—redarguiu.—Também há de haver muito que petiscar naquelas moradas que vês, e nem por isso é maior a fartura!

E, desanimado, ia para se atirar à água.

—Espera lá, espera lá!—disse o outro cão, que era teimoso.—Tenho uma idea. Bebamos a água, tu dum lado, eu do outro, e depois é nosso o coiro.

E os dois animais, a-pesar-de serem inteligentes, não reflectiram na impossibilidade de conseguir o que desejavam, e começaram a beber água, a beber água, no afã desesperado de quem pretende chegar ao fim dum propósito. Não pensando, presos somente pela resolução tomada, beberam, beberam, até fartar; depois, sempre com a mira na invejada refeição, e sem verificarem que o coiro se conservava sempre à mesma profundidade, continuaram a beber, à sobreposse, e o fim da sua estulta aventura foi morrerem rebentados!

Estudo

Interrogatório, muito mais desenvolvido do que os anteriores.

Exposição ampla, com pormenores e inventando a conversa entre os dois cães, na ocasião em que descansavam.

Conversão do discurso directo em indirecto.

Exercícios de fraseologia e vocabulário.

Redacções variadas.

XXIX

A lebre e o pardal.

Aos primeiros raios da aurora dum formosíssimo dia de setembro, a montanha foi acordada pelo vozear de caçadores e latidos de cães. Os animais já experimentados nos perigos dos exercícios venatórios puseram-se a bom recato nas tocas e esconderijos. As aves encarrapitaram-se nos cimos das árvores, de vista aguçada e ouvido à escuta; bandos de rôlas e perdizes, descrevendo pelo ar graciosas curvas, fugiam do perigo que instintivamente pressentiam. Já se ouviam os primeiros tiros e gritos de — « agarra, pega! » —, com que os homens de caça estimulavam os cães, os galgos e os perdigueiros. Já, por certo, havia mortos e feridos. Reinava o terror por toda aquela área.

Aquêles incansáveis inimigos não se contentavam com açar os cães e disparar as armas: soltavam os furões, que se metiam, os malditos, pelas mais insignificantes luras e iam enxotar os coelhos e as lebres, já transidos de medo no fundo das tocas ou casuais refúgios.

Uma lebre, coitada, a despeito de já muitas vezes ter conseguido sair incólume de várias batidas à serra, foi daquela vez surpreendida por um galgo, mas o seu perseguidor, por mais que fizesse, não logrou alcançá-la. Mas quê! Quando a pobrezita se ia a esconder numa moita de silvas e tojo, um tiro atingiu-a e deixou-a semi-morta.

Empoleirado no ramo duma carvalha frondosíssima, um pardal espiava, desde o começo, aquela lufa-lufa de homens, que matavam mais pelo prazer de matar, do que por necessidade.

E estava tão sossegado o passarito! Tão pequeno,

ninguém daria por êle; e, mesmo que algum caçador o lobrigasse, não gastaria pólvora em animal tão insignificante. Êsse pensamento de todo o tranquilizava. Logo que viu caída a lebre, com quem tivera, não havia muito, uma questiúncula, e a quem, portanto, não via com bons olhos, o pardal, do alto do seu poiso, entendeu que devia zombar da infelicidade da moribunda:

— Olha lá, ó minha vaidosa! Como é que tu te deixaste assim cair nas mãos dos caçadores? Eras tão orgulhosa da tua ligeireza!... Para que te serviram as pernas — não me dirás?

Nisto, um açor — ave de rapina que não perde ocasião de cair sôbre os incautos e que já havia momentos andava pairando ali perto — desceu rapidamente sôbre o pássaro e levou-o nas garras por êsses ares fora.

A lebre, quási a morrer e prestes a ser levada por algum cão, ainda conseguiu dizer, com voz que mal se ouvia:

— Ora aí está! Êle, que ainda agora me chasqueava, tinha asas para fugir, e elas de nada lhe serviram! É a única consolação que eu tenho, antes de morrer!

Estudo

Interrogatório. A caça. Peripécias da época venatória. A caça às rôlas e às perdizes. A caça ao javali. A caça ao coelho. Os cães e outros animais empregados na caça. A antiga caça de volataria.

Leituras de descrições de caçadas, principalmente da caça ao javali, no Gerez, de Ramalho Ortigão.

Exercícios de elocução, desenvolvidos.

Exercícios de fraseologia e vocabulário.

Redacções.

XXX

As duas cadelas.

LÁ numa pobre aldeia, desgarrada nas abas da serra, havia duas cadelas, cuja sorte era bem diversa: uma, pertencente a um dos serranos mais abastados, comia até fartar e tinha no pátio da casa um lindo casinholo onde passava as horas da calma e onde, de noite, dormia regaladamente as suas sonecas, quando nenhum barulho a despertava; outra ia suportando uma vida miserável, porque o dono era um pobretana, que nem tinha o suficiente para o sustento da família, nem podia reservar para o animal nenhum canto do mísero tugúrio, pois êste dificilmente chegava para os donos e para mais cinco filhos.

Mas eram amigas as duas cadelas. A rica amiúde socorria a outra com algum osso ou pedaço de pão disponíveis, e a sua piedade tinha-a levado a receber na sua habitação, em dias e noites inclementes, aquela que pela fortuna de todo fôra esquecida e desprezada.

Uma vez, não tendo onde albergar uma ninhada de quatro filhos recém-nascidos, a cadela infeliz foi pedir à amiga o favor de a deixar estabelecer-se no casinholo, por alguns dias, a-fim-de salvar da morte prematura os cachorrinhos. Nesse mesmo dia, lá se acomodaram os hóspedes na rica morada, e tanto êles como a compassiva hospedeira estavam muito satisfeitos.

Haviam já decorrido oito dias, e a beneficiada não falava, contrariamente ao que se combinara, em abandonar a morada provisória. Passou outra semana, e nada! A cadela começou a desconfiar das intenções da amiga. Um dia encheu-se de coragem e disse-lhe:

—Então quando é que deixa a minha cabana? Pare-

ce-me que já vai sendo tempo, visto que os seus filhos já não carecem de grandes cuidados.

— Com efeito, assim é! — respondeu a outra cadela — Mas, como um dêles anda um pouco adoentado, deixe-o convalescer, e depois saïremos. Desculpe-me, sim?

Mais uns dias passaram. Os cachorros estavam gordos e fortes, que era um regalo vê-los. E espertos? Já sabiam arremeter contra as pessoas, e a respeito de ladrar — faziam-no com grande perfeição. A hospedeira andava muito apreensiva.

E vai um dia, perde a paciência, põe-se em frente da porta da casinhota e brada para dentro, com aspereza:

— Ó minha amiguinha, isto é de mais! Até o meu dono é capaz de reparar, e com tôda a razão. Hoje é que você vai desalojar, e mais os seus filhos!

— Desalojar?! — exclamou, de dentro a ingrata, erguendo-se do feno em que estava aninhada — Eu não tenho outra casa, senão esta. Tire-me daqui, se é capaz!

E ela e os filhos desataram a ladrar contra a proprietária, de dentuça arreganhada e com os olhos a fuzilar de raiva, e expulsaram-na dali.

Só então, mas já tarde, é que a boa da cadela se arrependeu do benefício prestado a quem o não merecia.

Estudo

Interrogatório. A ingratidão. Pessoas gratas, e ingratas. Exemplos.

Exposição oral do assunto, sem o emprêgo do discurso directo.

Exercícios de fraseologia e vocabulário.

Redacções: primeiro, supondo que o educando faz a exposição; depois, que ela é feita por cada uma das cadelas.

XXXI

O veado que se vê ao espelho.

DEIXANDO os seus companheiros, o veado, novo ainda e, portanto, sem experiência da vida, foi para o recanto daquela floresta, onde havia uma espécie de prado, coberto de relva verde e tenra, que sempre lhe deleitava a vista e o convidava a pastar. Apenas chegado, não esperou nada: baixou a cabeça e começou a comer. Depois de satisfeito, deitou-se, e pouco depois estava a dar aos queixos, ruminando.

Era engraçado naquela posição: à volta, tudo verdura e flôres; no meio, sobressaindo acima da vegetação, viam-se o pescoço e a cabeça do animal, com aquêles olhos de bondade e simpleza, e os chifres, os enormes chifres, cheios de galhos e ramificações, que fazem lembrar uma árvore despida de folhas.

Corria perto um riacho, cujas margens, baixas e orçadas de salgueiros, amieiros e fetos de tôda a qualidade, formavam com êle um encantador quadro, próprio para ser reproduzido em desenho, ou pintura. Como tinha sede, o gracioso animal ergueu-se e encaminhou-se para a água. Tendo escolhido o ponto mais baixo da margem, meteu as pernas no líquido. A água corria de manso e era tão límpida, que deixava ver no fundo a areia, que quási totalmente o cobria.

Ao acabar de se satisfazer, o veado reparou que o seu corpo era fielmente reproduzido na água, como se, em vez dela, se tratasse dum espelho. E gostou de se mirar. Comparando a cabeça com o resto do corpo, falou assim consigo:

—Que linda cabeça e que lindas pontas eu tenho! Seria um animal digno de inveja, se o resto do corpo condissesse

com a cabeça. Vêde as pernas. Que feias que são! Os chifres, sim; mas as pernas... para que servem elas?

Depois de feitas estas considerações insensatas, saiu da água e ficou-se a pensar no que vira. Ainda voltou, novamente se contemplou no casual espelho e talvez ainda lá se tivesse conservado mais algum tempo, se de repente não soassem, perto do lugar onde se encontrava, numerosas trompas de caça, e se não ouvissem os latidos dos cães, prontos a cair sobre todos os fugitivos. Dum salto, tomado de inqualificável terror, o pobre do veado logo saiu da água e largou a correr através do prado.

Dentro em pouco, embrenhava-se na espessura da floresta, correndo, correndo muito, para fugir à sanha da canzoada. Mas em vão: eram tantos os galgos e de faro tão apurado, que o infeliz animal viu muito bem a impossibilidade de lhes escapar.

Havia um meio, talvez, de fugir à morte: meter-se na parte mais intrincada e inacessível do arvoredo. Assim fêz; mas, a breve trecho, quando tentava um salto mais largo, ficou preso pelos chifres na ramagem da basta vegetação, e ali o veio encontrar, quâsi completamente imobilizado, a matilha dos cães. Já ferido por inúmeras dentadas, a poucos passos da morte, o pobrezinho lastimou-se dêste modo:

— Ai de mim! Insensato que eu era! A-final, são os chifres a causa da minha morte, e as pernas, que eu tanto depreciei, é que poderiam salvar-me!

Estudo

Interrogatório. O veado. Seus costumes e habitat. A caça ao veado. Animais ruminantes.

Exposição oral do assunto, sem o emprêgo do discurso directo.

Exercícios de vocabulário e fraseologia.

Redacção livre, com a descrição do local.

XXXII

A dòninha e o homem.

RÓIAM tudo. Nada escapava aos terríveis dentes da multidão de ratos que infestavam o celeiro. Onde, porém, eram maiores e mais ruinosos era no trigo, centeio e cevada, ali cuidadosamente ensacados. Os sacos eram abertos à dentada, e o grão caía em abundância pelo soalho, à espera dos primeiros *fregueses* que chegassem.

Não havia gato. Os roedores tinham inteira liberdade de acção, e nem sequer sabiam da existência de gatos.

Uma tarde, ao anoitecer, chegou junto do celeiro uma dòninha e pensou que talvez houvesse ali dentro abundante caça. Vinha cansada de correr. Não faltava muito para que os detestados sapos deixassem as luras onde estavam escondidos e comessem as suas excursões pelo campo, aos saltinhos, na ânsia de farta e variada colheita de insectos, — e não seria agradável à dòninha encontrar qualquer dêsses asquerosos figurões, cujos olhos, brilhantíssimos, atraem as presas sôbre que se fixam. Era também a hora em que os mochos e as corujas, readquirindo a vista, de que o sol os privara, deviam sair dos ninhos, e ela, a dòninha, não ignorava que a carne é o alimento predilecto das aves de rapina... Nada, era preciso esconder-se, sem perda de tempo!

Vendo, pois, um estreito buraco junto da parede do celeiro — obra dos próprios ratos, — introduziu-se no armazém e imediatamente começou a sua obra de destruição. Em dias seguidos conseguiu dizimar boa parte daquele verdadeiro exército de ratos e ratazanas campestres.

Daí para o futuro, a tarefa ia ser mais difícil, porque os finórios já conheciam o perigo a que se expunham,

entrando no celeiro. No entanto, o hábil mamífero, sem desistir, não arredava pé. Rato que aparecia era rápida e implacavelmente apanhado e morto.

Um dia, o dono visitou o armazém. Ficou indignado com o que via, soltou algumas pragas, e depois, de boca aberta em mudo pasmo, começou a fazer o cálculo dos prejuízos. Mas, vendo a um canto a caçadora, deu-se pressa em fechar a porta e pôs-se a perseguir o animalzinho.

Ela bem procurava fugir-lhe; mas estava tão cega em sua aflição, que nem podia atinar com a saída.

Já cansada, deixou-se apanhar, mas começou logo a pedir misericórdia:

— Ó homem, perdoa-me, que eu sou inofensiva. Se aqui estou, não é para roer. Tenho-te matado a maior parte dos ratos que te fizeram esse destróço. Não me deves matar, em troca de tão apreciável benefício!

— Supondo verdadeiras as tuas palavras— respondeu o ignorante,— vou matar-te, porque, se vieste caçar e exterminar os ratos, foi para teu próprio benefício e não para benefício alheio.

E de nada valeram à dòninha as razões, que apresentara, da sua inocência e filantropia.

Estudo

Interrogatório. A dòninha. Sua descrição. Seus costumes. Sua utilidade. Os gatos. Crendices do povo àcerca dos saços. Sua utilidade. As aves de rapina.

Exposição oral, desenvolvida.

Exercícios de fraseologia e vocabulário.

Redacções.

XXXIII

A cigarra e a coruja.

A coruja tinha o seu abrigo no vetusto campanário da aldeia. Nunca ninguém a viu de dia. Sabia-se que ali morava, porque de vez em quando, principalmente em noites tempestuosas de vento e chuva, costumava soltar aquêles gritos ou pios lamentosos e tristes, que para o povo ignaro são prenúncios de morte. Sempre àlerta de noite, aproveitava os dias para dormir, fazendo assim, por imposição da sua própria índole, o que fazem os vândios, que gastam as noites em divertimentos e parecem ignorar que os dias se destinam ao trabalho.

No mesmo campanário ou nas árvores próximas, a cigarra passava todos os dias a cantar, o que deveras incomodava a ave de rapina, porque lhe interrompia freqüentemente os sonos. Não seria desagradável à noctívaga ouvir, mesmo em sonhos, um canto harmonioso; mas aquela monotonia irritava-a até o desespero.

Um dia, ao lusco-fusco da tarde, para não ferir a vista, chamou a vizinha e, tôda humilde, disse-lhe, tomando a posição que todos conhecemos:

— Senhora cigarra, eu queria pedir-lhe um obséquo. Custa-me muito e desde já lhe rogo me desculpe a impertinência; mas a necessidade a isto me obriga. Eu, como a vizinha muito bem sabe, tenho de noite as minhas obrigações. Quando quási todos os animais descansam, saio eu do ninho, à busca de alimentos para a família. De dia não me é lícito sair, porque a luz cega-me. Que devo então fazer? Durmo. Ora a senhora cigarra tem uma voz agradabilíssima, não há dúvida: canta divinamente. Creia que aprecio muito as suas melodias: Mas — quere que lhe diga?

— há já muitas semanas que não posso conciliar o sono, e diz o meu compadre mocho, que é médico, que, se eu não dormir bem umas oito horas seguidas, pelo menos, posso adoecer gravemente. Por isso, pedia-lhe o favor de não cantar ou de o ir fazer para longe. Faz-me isso, vizinha?

A resposta foi afirmativa; mas ao outro dia e nos seguintes a cigarra cantou, cantou, fartou-se de cantar, e tão irritante e monòtonamente, que a vizinha, por mais que se esforçasse, não conseguiu adormecer.

Novamente, e com o mesmo resultado, voltou a ave a dirigir-se à cantadeira. Por fim, desesperada, recorreu a um estratagema infalível. Ao cair da próxima noite, aí se pôs ela de novo à conversa com a vizinha:

— Boas noites, minha amiga! Sabe? Como vejo que lhe é impossível deixar de cantar, tomei outra resolução. Estive hoje a falar com o meu compadre mocho, o médico, e êle disse-me que, a-final, me não fazia diferença à saúde passar os dias à vela. De forma que vou agora entreter-me a bebericar um deliciosíssimo néctar, espécie de mel de deuses, tão bom, que nada há que se lhe possa comparar. Desde já a convido a associar-se à minha última refeição de hoje. Venha daí, vizinha, se quer apreciar o que é bom!

A parva da cigarra, lambareira, e de mais a mais cheia de sede por tanto haver cantado, não esperou que a convidassem segunda vez: voou para a torre e nela entrou afoita. Mas o pior é que a astuciosa coruja, posta de atalaia por detrás do sino grande, caiu sobre a convidada e matou-a, sem mais considerações.

E pôde então passar os seus dias em descanso.

Estudo

Interrogatório. A coruja. O mocho. Seus costumes e habitat. Sua alimentação. A cigarra. A cigarra na fábula do Lafontaine — «A cigarra e a formiga».

Exposição oral. Redacções.

XXXIV

As abelhas, os zângãos e a vespa.

O mel fabricado naquele ano era em tal abundância, que escorria pelo tronco do frondoso e vetusto carvalho onde as abelhas se tinham estabelecido. Os zângãos, tão preguiçosos quão lambareiros, começaram a dizer a quem os queria ouvir que todo o produto era seu e que dêle se haviam de apoderar. Não gostaram disso as abelhas e âsperamente lhes mostraram o seu ressentimento. Daí nasceu uma azêda questão, que se foi arrastando por muito tempo.

A rainha das abelhas, vendo tôda a colmeia em alvoroço, mandou chamar à sua presença três dos machos mais teimosos e intransigentes e disse-lhes:

— A situação entre as abelhas e os zângãos é insustentável. Esta contenda, como é evidente, não podemos nós resolvê-la. Cada um zela os seus interêsses e ninguém está disposto a ceder. Pois bem: proponho-vos uma solução para o conflito, a-fim-de que êle se não eternize e agrave. A minha idea é nomearmos um juiz que solenemente declare quem é que tem razão. Nós, as abelhas, não deixaremos de acatar a sentença, seja ela qual for. Quereis assim?

— Queremos! — responderam todos à uma.

E logo acrescentou um dos zângãos:

— Proponho para árbitro a vespa, nossa vizinha e amiga.

Foi resolvido que imediatamente procurassem a media-neira, e lá vão, em cata de justiça, três abelhas, nomeadas pela rainha, e os três zângãos de que se falou.

Colhidos os depoimentos de ambas as partes, a vespa,

cheia de importância e solenidade, declarou do alto da árvore onde tinha a sua modesta habitação:

— Eu tenho já formado o meu juízo sobre a razão que assiste a cada um dos litigantes. Como, porém, me podem acusar de parcial, vou fazer uma proposta. Tanto os zângãos como as abelhas juram, com farta cópia de argumentos, que o mel é obra sua e lhes pertence. Muito bem. Arranjem dois cortiços, e cada um de vós fabrique uma pequena amostra do produto. Comparando uma e outra com o mel em questão, facilmente pronunciarei a respectiva sentença, com a certeza de que o paladar me não enganou.

As abelhas receberam com manifesto júbilo a proposta apresentada; os seus rivais, porém, declararam, em altos zumbidos, que não podiam aceitar tal condição, já porque lhes não era fácil arranjar do pé para a mão um cortiço, já pela aviltante desconfiança e suspeição que sobre eles com tanta leviandade eram lançadas.

Então a vespa, impondo silêncio aos importunos, dirimiu dest'arte o litígio:

— Sabido é já, ó zângãos, que sois incapazes de fabricar o quer que seja, e muito menos o saboroso e apreciado mel. Pelo que determino, sem apelação, que não torneis a pôr em juízo questões dessa natureza. Mais ordeno que sejais escoraçados destas cercanias, vós e todos os outros, e que as industriosas abelhas, que impudentemente quisteses espoliar, guardem e gozem o que tantas canseiras lhes deu.

E assim se pôs fim à contenda.

Estudo

Interrogatório. As abelhas. Idea geral do enxame, dos costumes e trabalho das abelhas. Os zângãos. A vespa. Em que difere da abelha. Os insectos úteis e os insectos prejudiciais.

Exposição do assunto. Redacções variadas.

XXXV

A rapôsa e o dragão.

ANDAVA certa rapôsa, azafamada, a abrir o covil onde se havia de fixar; e, como pretendia esconder-se muito bem, a-fim-de iludir a astúcia dos seus numerosos inimigos, ideara uma galeria muito comprida, complicada e irregular, em cuja extremidade disporia a cama e mais dependências da sua morada. Já trabalhava há duas semanas, e durante êsse lapso de tempo, na ânsia de pôr fim ao seu projecto, mal tocara em alimento. A-pesar-de se sentir um tanto cansada, não estava disposta a retomar a sua vida de rapinagens nocturnas, sem primeiro ter a satisfação de dizer aos amigos que já tinha casa sua.

No último dia de trabalho, o diligente carnívoro sentiu que as patas davam em ponto da terra já escavado. Assustou-se o animal, principalmente quando a parte fronteira da galeria se desmoronou com fragor e se abriu um largo rombo, por onde entrava uma ténue claridade. Depois duns momentos de irresolução, o bicho, que também era curioso, meteu a cabeça. E ficou atónita com o que via! Diante dela estendia-se uma espécie de gruta, cuja circunferência devia ter muitos metros de diâmetro. Em frente, um horrível dragão, de longa e poderosa cauda, grandes asas, focinho agressivo e olhar faiscante, estava sentado defronte de larga porta, fortemente chapeada de bronze,—com todo o aspecto de quem ali estava a impedir que alguém se aproximasse.

A quietude do monstro animou a rapôsa a penetrar no recinto e a dirigir a palavra ao estranho e fantástico animal:

—Olá, quem quer que tu sejas, que nas minhas carnes infundes o maior dos terrores! Antes de mais nada, con-

sente que eu, mísera rapôsa dos bosques, te apresente as minhas homenagens e saudações!

E, dizendo isto, curvou-se, como se o fizera ao mais terrível dos inimigos.

O dragão não se mexia. A rapôsa continuou:

— Agora, cumpre-me pedir-te desculpa da minha vinda a este lugar proibido. Fi-lo involuntariamente, quando, no uso dum direito, tratava de construir a minha habitação. De resto, o teu silêncio mostra-me que te não aflige nem molesta a minha presença.

E após uma pequena pausa:

— Dize-me lá, e desculparás a minha curiosidade: que é que fazes aqui?

O dragão, sem deixar aquela postura de sempre, retorquiu sêcamente:

— Estou de guarda a innumeráveis e inconcebíveis tesouros, capazes, só por si, de satisfazer a cobiça dos homens e de levar a infelicidade a toda a terra. Estou aqui sempre: não tenho dias nem noites.

— E que recompensa recibes tu dêsse trabalho? — insistiu a rapôsa.

— Nenhum! O fado impôs-me para sempre esta obrigação!

— Percebo! — respondeu a rapôsa — Se mo permites, digo-te que és como os homens, a quem chamam avaros, que se esfalam em amontoar riquezas sobre riquezas, para a-final viverem no meio de sordidez e misérias!

Estudo

Interrogatório. Criações fantásticas: o dragão, as sereias, o minotauro, etc.; as bruxas, as fadas, etc.

Exposição oral do assunto.

Exercícios de vocabulário, cada vez mais complicados.

Redacções variadas.

XXXVI

O veado, os bois e o fazendeiro.

ACOSSADO pelos caçadores, ao declinar duma tarde de outono, o veado conseguiu refugiar-se numa granja, onde entrou cautelosamente e a medo, porque, se bem que tivesse escapado aos cães, estava sujeito a cair noutros laços, não menos perigosos. Viu uma larga porta, aberta de par em par. Devia ser ali o estábulo. Efectivamente, lá estavam dois alentados bois, a comer vagarosa e regaladamente a ração de erva e palha que os criados da casa lhes haviam distribuído pouco antes. Procurou a parte mais escura do curral e nela se ia a acomodar, quando um dos bois, na ocasião em que volvia o olhar para a porta de entrada, deu com o estranho e lhe disse:

— Oh desgraçado, que fizeste? Fugiste dos caçadores ferozes e vens, insensatamente, asilar-te em casa do nosso dono, tão cruel como os teus perseguidores! Infeliz! Quanto te lastimamos!

— Peço-vos que me não denunciéis! — respondeu o veado, a tiritar de medo.

— De nós não hás de ter razão de queixa, sossega! — retorquiu o bondoso boi — Esconde-te para aí, porque ainda hoje havemos de ter visitas. Não te mexas!

Não seria preciso fazer-lhe tal recomendação, porque bem sabia o fugitivo a sorte que o esperava, se por acaso ali fôsse surpreendido por alguém. Enquanto os bois acabavam de engulir a ceia, o hóspede encobriu-se, o mais que pôde, junto da manjedoura, e esperou, resignado, o fim da aventura.

Daí a pedaço veio um criado, depois outro, a seguir o rendeiro, e ninguém o viu. O último fechou a porta, e o

curral ficou na escuridão. Bois e veado respiraram fundamentalmente, aliviados do susto. O refugiado, satisfeitíssimo, disse lá do seu cantinho:

—Estou salvo! Quanto vos devo e quanto vos estou grato, amigos! Logo que rompa a manhã, e os criados abram a porta e se retirem para as habituais ocupações, saírei e alcançarei de novo a campina e a floresta acolhedora e amiga.

Transcorrido breve tempo e quando os três, já deitados, se dispunham para descansar, alguém chegou junto da porta, alguém a abriu, alguém entrou, de lanterna em punho, a observar cuidadosamente a quadra. Era o fazendeiro, o dono, aquêle a quem principalmente interessavam os bois e o curral. Mal entrou, ei-lo que ralha, áspero e carrancudo, dizendo que não tinham trazido feno para a cama do gado, que todos os serviços eram uma corja de desmazelados, que nem se davam ao trabalho de limpar as teias de aranha da corte. E, dando uma volta pelo estábulo, com a lanterna erguida à altura dos olhos, a inspecionar tudo com muito cuidado, que há de êle enxergar a um canto? As pontas do veado, fortes e ramosas!

Logo pela manhã, o primeiro trabalho dos criados foi abater, às machadadas, o infeliz veado. Se não fôra o interesse do fazendeiro pelos seus haveres, é mais que certo que ainda o animal poderia algum tempo gozar da liberdade, ampla e feliz, através das planuras e das ásperas serranias.

Estudo

Interrogatório.

Exercícios de elocução, variados.

Análise gramatical e lógica.

Fraseologia.

Redacções.

XXXVII

As rãs que pedem rei.

PARECIA completa a felicidade das rãs, naquele pântano situado junto das vastas pradarias, aonde quotidianamente acorriam bandos de bois e vacas, acompanhados dos respectivos guardas. Mas não: as mais velhas notavam com tristeza que aquela sociedade só poderia ser modelar em costumes, quando um rei as governasse e dirigisse com leis muito severas. Foi êsse o motivo que as conduziu junto do deus Júpiter — o deus carrancudo e mau de que já se falou —, a fim de pedir lhes desse um chefe supremo.

O velho deus despediu-as, prometendo que dentro de muito pouco tempo lhes enviaria um bom governante, benévolo mas implacável, com o qual sem dúvida ficariam plenamente satisfeitas. E houve grande alegria na aquática mansão. Tôdas coaxavam, dizendo em altos brados:

— Vamos ter um rei, vamos ter um rei!

Júpiter cumpriu a promessa. Um dia, inesperadamente, sentiu-se enorme baque na superfície das águas, como de corpo pesado que sôbre elas fôsse atirado por qualquer pastor. Medrosas por condição, tôdas as rãs se refugiaram no líquido. Ao barulho que até ali faziam sucedeu um completo silêncio. Nem uma cabeça se via ao lume da água. Mas, passados poucos minutos, começaram a aparecer as mais animosas, depois outras e outras, e tôdas se acercaram do objecto que sôbre o líquido incidira e ficara boiando: era um pequeno barrote, inútil e inofensivo, que outra coisa não podia ser senão o rei que Júpiter lhes prometera. Tôda a sociedade lhe foi render as primeiras homenagens, de focinho voltado para êle e coaxando.

O rei não se mexia nem dava mostras de se comover com a manifestação de súbditos tão dóceis e reverentes. Perante esta indiferença, um dos anfíbios saltou-lhe em cima e, despreocupada e impunemente, fartou-se de desdenhar e insultar aquêlre rei, que para nada servia. Outras rãs fizeram o mesmo, e o coxar de respeito transformou-se noutro muito diferente, porque era de absoluto desprezo.

As mais velhas foram então de parecer, em conferência que rapidamente tiveram à borda do pântano, que desta feita se dirigissem ao deus Mercúrio, mensageiro ou correio dos deuses, para que êle fôsse dizer a Júpiter que aquêlre rei nenhuma utilidade tinha e que era, portanto, necessário substitui-lo, sem perda de tempo.

Assim fizeram, e Mercúrio prontamente acedeu ao pedido. Júpiter, irritado, mandou retirar do charco o barrote que enviara, e o rei que lhes deu para substituir o primeiro foi uma grande cobra de água.

E, quando as rãs, tôdas aflitas, impetraram a misericórdia do deus dos deuses contra o novo regente, que feroz e inexoravelmente ia dizimando a inofensiva sociedade das rãs, o deus, impassível, respondeu-lhes, desenhando no rosto um sorriso de desdém:

— Não quisestes o rei que primeiro vos foi dado? Pois agora, para vosso castigo, arranjai-vos com êsse, para que não suceda mandar-vos outro pior!

Estudo

Interrogatório, bastante desenvolvido.

Exposições orais.

Exercícios de fraseologia.

Análises.

Redacções variadas e desenvolvidas.

XXXVIII

O lobo, a rapôsa e o macaco.

No meio da floresta imensa, povoada pela mais abundante e variada flora, erguia-se o «palácio da justiça» de toda a bicharada silvestre: um gigantesco carvalho, grosso e já carcomido, cujas franças se estendiam por sobre o arrelvado solo, cobrindo-o com a sua sombra bemfazeja. Ai vivia, com numerosa família, um macaco, já adiantado em idade, que tinha sido eleito pelos habitantes da selva juiz de todas as contendas. Todos o estimavam, já por ele ser velho, já porque as suas sentenças se caracterizavam por aquela imparcialidade e justiça que não vê amigos nem inimigos e dá a cada um o que a cada um pertence.

Havia já muito tempo que o macaco não era chamado a julgar qualquer crime ou demanda. Um dia, porém, quando ele, sentado num grosso ramo, contemplava os exercícios acrobáticos de dois filhos e mais quatro netos, a quem ia dando os conselhos que julgava convenientes, chegaram junto do carvalho um lobo e uma rapôsa, cujas atitudes denotavam que o primeiro não podia deixar de ser queixoso e que a segunda era ali conduzida como ré ou acusada. ✕

Logo que os viu, o macaco deixou o seu posto de observação e veio descendo levemente para um ramo mais próximo dos recém-chegados. Todos os macacos e macaquitos, pressentindo novidade, abandonaram as variadas ocupações em que se entretinham e, de ramo em ramo, aos saltos e dando guinchos de alegria, foram postar-se em lugares donde melhor pudessem presenciar o espetáculo. Faziam um barulho ensurdecedor; mas o velho símio

olhou-os carrancudo, deu-lhes um berro, e imediatamente tôda aquela macacaria irrequieta tomou a postura das estátuas.

— Que é que querem? — perguntou êle.

A rapôsa ia a falar, muito mansa; o senhor juiz, porém, impôs-lhe silêncio.

— Fale primeiro o lobo! — ordenou.

— Saiba vossa senhoria, senhor juiz, que aqui a minha comadre me roubou ontem a melhor peça de caça que eu tinha para o jantar de hoje.

— Roubou *ontem* o que tinha de ser comido *hoje*?
Adiante. E tu que é que dizes, raposinha?

— Eu digo que não roubei coisíssima nenhuma!

— Muito bem! — exclamou o juiz.

E, voltando-se para o lobo:

— Tens testemunhas?

— Não, senhor juiz. Mas foi ela, com certeza.

A rapôsa estava calada. Os macacos, sentados ou dependurados nos ramos, trocavam palavras em voz baixa ou riam-se, piscando os olhitos vivos e maliciosos. Então o juiz tossiu, escarrou para o lado, limpou os beiços à cabeluda mão e pronunciou esta sentença:

— Ouvidos o queixoso e a ré; devidamente ponderados os seus depoimentos e pelo conhecimento que tenho dos costumes de ambos, concluo que tu, lobo, não foste roubado, mas tenho a certeza de que a tua comadre rapôsa já alguma vez te larapiou. Pelo que vos condeno a serdes bastonados pelos oficiais da minha justiça.

Ditas que foram estas últimas palavras, desceram da árvore quatro latagões de quatro macacos, armados de cacetes, que, se não deram a matar, foi somente porque os dois animais desavindos, depois de levarem as primeiras pancadas, resolveram fugir, um para cada lado, enquanto todos os macacos se riam a bom rir daquele desfecho da questão.

XXXIX

A mula e a môska.

DIA de sol ardente e cáustico, êsse em que o carroceiro determinou levar à cidade a carga há tanto requisitada e há tanto esquecida nos armazéns. Eram duas horas da tarde. Ainda faltavam muitos quilômetros para o fim da jornada, e já a mula que conduzia a carroça estava ansiosa por que aquêlê martírio terminasse. O carro seguia vagorosamente pela estrada infindável, envolto em núvens de poeira. Não se via ninguém por aquêles cerros despidos e áridos. O sol queimava.

Num dos timões da carroça pousara uma grande môska, que o carroceiro, a dormir sôbre um fardo, tinha instintivamente sacudido da cara, uma, duas, muitas vezes. Cômодamente instalado, o insecto quis mostrar o seu pretenso valor e ei-lo que se dirige à mula:

— Tinham-me dito que são dotadas de grande actividade as mulas, tuas colegas. Que grande ilusão e que enormíssima mentira! Nunca vi animal tão ronceiro e preguiçoso. Pelo menos, a avaliar por ti, que consumes quási três quartos de hora a percorrer um quilómetro!

Mas, a-pesar-desta insistência do díptero, a mula prosseguia no seu passo, vagaroso, sim, mas contínuo, e não dava importância à impertinente, que não saía do lugar em que se havia instalado.

Durante alguns minutos nada se ouviu. O condutor ressonava com estrondo, aproveitando o tempo e como indiferente à calma, que era cada vez maior.

Volta a môska, reatando as suas considerações:

— «Cria fama e deita-te a dormir» — dizem os homens, e dizem muito bem. Êles não passam duns parvajolas; mas

da boca dos néscios saem às vezes sentenças aproveitáveis. É o que se dá neste caso: os da tua raça — não se pode falar na raça das mulas sem tirar o chapéu e fazer vénia! — criaram essa fama. Dizem que sois resistentes e fortes, e não sei que mais, e o vosso préstimo tornou-se célebre. A-final, não vejo por que assim devais ser elevadas até os astros. O que sois é umas preguiçosas. Ouves lá, ó tu?

E a mula, no seu passo cadenciado, andava sempre, parecendo não prestar atenção às palavras da censora; mas a verdade é que principiava a aborrecer-se com o que ouvia.

A môska insistiu, levantando a voz:

— Além disso, és malcriada, porque não respondes às minhas palavras. «Quem cala consente» — é o que é! «Contra factos não há argumentos». Que é que dizes a isto? Não ouves?

— Ouço, ouço; mas, já que vens com provérbios, lá vai um: «palavras loucas, ouvidos moucos».

— Ainda por cima és atrevida! — casquinou a môska. — Ora anda mais depressa, se não queres que eu caia sobre ti e te obrigue, com o ferrão, a mexeres-te!

Nesta altura, a mula deu um safanão às rédeas e disse:

— Cala-te, pretenciosa! Há lá ninguém mais insignificante e inútil do que tu? Eu bem sei quais as minhas obrigações, e não serás tu, com a tua lábia, quem me indique onde elas começam e acabam. Só reconheço um superior: o carroceiro. Sei quando hei de andar depressa e quando devagar. Se disso me esqueço, o meu dono sabe lembrar-mo com as rédeas e com o chicote. Fora, fora, pedante imunda! Não é aí o teu lugar!

E, dando mais três safanões, expulsou do timão aquela varejeira importuna, que lá se ficou a zumbir.

Estudo

Semelhante aos anteriores.

XL

A rapôsa e o bode.

ERA sêco e sáfaro o terreno. Vegetação havia pouca, e essa raquítica e estéril. Na extremidade dos campos onde o milho se torcia e estiolava com sêde, estendia-se a pequena horta do moleiro, cujo moinho ficava perto, na margem do regato, tão escarpada, que era incapaz de cultura. As couves vicejavam, graças à água do minúsculo poço, de pouco mais duma braça de profundidade, em cujos bordos se levantava a armação duma tôasca roldana, que servia para se extrair o líquido bemfazejo.

Por essa tarde de ardente estio, ali chegou a rapôsa, a quem a sêde obrigara a deixar a casa, não obstante os perigos a que àquela hora se expunha. Trepou para o bordo do poço; espreitou a água, viu que não haveria o perigo de afogar-se e, sem mais pensar, deixou-se cair. Só depois de saciar a sêde é que reconheceu a impossibilidade de sair dali sem o auxílio estranho. Mas não se inquietou demasiado.

Por felicidade, chegou, pouco depois, não menos sequioso, um alentado e gordo bode, imponente nas suas longas barbas, mas tão encalorado, que mal poderia soltar um berro. Pondo as patas dianteiras no bordo do poço e olhando para dentro, deparou com a rapôsa, a qual, sagaz e matreira, logo se pôs a fingir que bebia. O bode saltou, dizendo:

— Olá, comadre! Também vieste à água?

— É verdade, meu caro compadre. Foi a única maneira de me consolar. E que boa e fresca que ela é! Tão boa, que nem me apetece sair daqui. Se não fôsse recear a vinda do marôto do moleiro, que não é para brincadeiras, não era

eu que deixaria este lugar, onde a gente se pode refrescar, ao mesmo tempo, por dentro e por fora!

— Estou capaz de fazer o mesmo, comadre! — aventou o bode, quando a rapôsa já lho ia insinuar.

— É o melhor que você faz! — concordou a que gosta de galinhas. — Venha daí, e beberemos à saúde um do outro. Mas caia com jeitinho, como eu fiz, para não sujar a água!

O bode deu um salto.

A rapôsa ficou satisfeitiíssima; e, ansiosa por deixar o companheiro, começou a urdir a cilada que tinha imaginado:

— Vê, meu amigo? Que lhe dizia eu? Isto é de beber e de morrer por mais!

Depois de satisfeito, o bode levantou, todo consolado, a cabeça, onde avultavam dois enormes chifres, curvos de diante para trás e algum tanto parecidos com um alfanje mourisco. Nesse momento, a rapôsa forma um salto para o lombo do barbado, daí para a borda do poço, e assim se salva da dificuldade e se põe a andar, enquanto o bode, no fundo, ficava maldizendo a hora em que com tanta facilidade se deixara enganar.

Estudo

Interrogatório.

Exposição oral, desenvolvida.

Exercícios de fraseologia e gramática.

Redacções, supondo a narração feita pela rapôsa.

XLI

A dòninha e os ratos.

DURANTE muito tempo foi a dòninha o terror dos ratos do moinho. Contar-se-iam às centenas os roedores, se o gracioso mamífero lhes não houvesse dado, durante anos e anos, guerra sem tréguas. A idade, porém, transformara o ágil animal num ser quási inútil, incapaz de correr atrás da rataria. Já fizera experiências de emboscadas; mas dias sôbre dias decorriam, sem que a pobre colhesse qualquer fruto do seu aturado trabalho. Os malditos apareciam já tão à vontade, como zombando da valetudinária, que esta compreendeu que só poderia exercer o seu mister de caçadora, pondo em prática algum artil.

Depois de muito pensar, pareceu-lhe ter encontrado finalmente a solução daquele importante problema: enfarinhou-se tôda e foi-se esconder, assim disfarçada, no lugar mais escuro da casa. Daí a pedaço, veio um ratito, um tramêlo, ainda canhestro no andar, e num abrir e fechar de olhos foi tragado pela esfomeada. Vieram outros mais crescidinhos, cada um por sua vez, e a mesma sorte os esperou. Apareceram ainda outros, mais experimentados, e, agora um, logo outro, lá foram caindo na engenhosa esparrela.

A caçadora, sempre coberta de farinha e esforçando-se, o mais possível, por se conservar quieta, mantinha-se na posição primitiva, à espera de que alguma ratazana, das mais matreiras, ali viesse também. Já não tinha fome o bicho; mas estava ansiosa por empregar a sua arte em lances mais arriscados e difíceis. Caçar ratos, na sua idade, já era apreciável glória; mas abater ratazanas seria a prova de que, a-pesar-de velha e gasta, ainda podia medir-se com elas em paciência e manha. Esperou, pois, resignadamente.

Ao cair da noite, sente passadas de roedor adulto e calculado. Escutou, mirou com cuidado, e que há de ela ver? Uma velha rata, mãe por certo de inúmeros filhos, que vinha ao monte de farinha tomar a última refeição daquele dia. A dòninha estava tão atenta e nervosa, que ouvia distintamente as pancadas do próprio coração. E a cauta ratazana, olhando sempre para um e outro lado, cheirando aqui e ali, aproximava-se, aproximava-se, como se o seu intuito fôsse atingir o lugar que a dòninha ocupava.

De repente, a ratazana parou. Levantou a cabeça, onde quási só se viam os pêlos da rala bigodeira grisalha, e pôs-se a fungar pelo nariz, como alguém que pressente coisa estranha e perigosa. Mudando de tática, voltou as costas à dòninha, mas sempre cautelosa, sempre desconfiada. O inimigo mexeu-se um bocadinho, preparando-se para o salto decisivo e implacável; mas a rábula, que já o suspeitara, tomou prestesmente a anterior posição e disse, fixando a farinha movediça:

— Farinha tu! Vai enganar outra!

E foi-se embora.

Estudo

Interrogatório.

Exposição oral, desenvolvida.

Exercícios de sinónimos, antónimos, homógrafos e homónimos.

Fraseologia.

Redacções, supondo a narração feita pela dòninha e pela ratazana.

XLII

O burro infeliz.

LEVAVA uma vida árdua e miserável aquêlê pobre burrico. O dono, mendigo nómada que nunca conhecera poiso certo, só lhe dava de comer quando algum raro lavrador, condoído da sorte do animalejo, mandava entregar aos pedintes, com o bocado da broa, uma mancheia de palha ou erva. Fora disso, o seu magro alimento consistia nas casuais refeições de bravo tojo ou ressequidas ervas, que êle tosava de fugida à beira das estradas.

Também passava sede. Quando ia a baixar a cabeça para sorver um pouco de água dos regos dos caminhos, vinha logo a vergasta adverti-lo de que lhe não era lícito parar.

Andava sempre carregado; mas era menos incómodo o pêso dos alforjes, quâsi constantemente vazios, do que o daquela família de crianças nuas e famintas e homens estropiados, que êle tinha de transportar através de montes e vales, quer houvesse calor de rachar, quer fôsse a cântaros a chuva. Não, não havia, com certeza, na face da terra, outro animal mais desgraçado do que êle!

No verão, as môscas e os moscardos caíam-lhe sôbre as mataduras e feridas e exasperavam-no com repetidas e infindáveis ferroadas.

Por cima de tôdas estas misérias, recebia, em paga do seu duro labor, honesto e resignado, freqüentes insultos, pragas asquerosas e rija bordoadas!

Um dia, em remota aldeola, o animal adoeceu gravemente no alpendre da casa dum fabricante de carvão. Outras bêstas ali estavam, mas essas mais ditosas, porque tinham boas rações de milho, fava, e erva fresca e tenra.

O burrico, sem poder tocar em nada, nem sequer na lavagem de água e farinha que lhe mandara ministrar o bom do carvoeiro, ali morreu, a arder em febre, dirigindo, a-pesar-de tudo, um derradeiro olhar, cheio de saúde, para o seu dono e carrasco.

A mísera caravana, agora sem o seu principal ganha-pão, chorou a sua desdita, maior desde êsse momento, e ali ficou uns dias mais, a reunir, em trouxas improvisadas, os restos da sua riqueza.

Ora quando dois homens tratavam de esfolar o burro, um dos machos do carvoeiro disse para o seu camarada de trabalho e manjedoura:

— Enfim, acabou de sofrer aquêles desgraçado! Nunca mais sôbre êle choverão os estúpidos maus-tratos de criaturas tão desalmadas como êsse mendigo vesgo que agora se lastima da perda do sendeiro!

— Estás muito enganado! — respondeu o outro — Nem depois de morto escapará à pancadaria das gentes. Sabes quem comprou a pele do infeliz? Foi aquêles homem que ali vês, de boné e capa e botas joelheiras. Da pele do burro vai êle fazer um tambor!

Estudo

Interrogatório, bastante desenvolvido.

Exercícios de elocução variados.

Exercícios de vocabulário e gramática.

Redacções desenvolvidas, supondo a narração feita pelo dono do burro e pelo macho que falou.

XLIII

A águia e a rapôsa.

A águia fizera o ninho no alto duma grossa árvore e nela tinha os filhos, sempre de bicos abertos, sempre a reclamar carne boa e fresca. Para sossegar os gulosos, a ave aproveitou-se da ausência duma rapôsa daqueles sítios e foi-lhe roubar os quatro raposinhos recém-nascidos.

O rapôso, que estava perto a contemplar o trabalho duma aranha, ainda viu a ave de rapina arrebatrar o último dos filhos; de forma que, ao chegar a fêmea, contou-lhe o sucedido. Ela ralhou muito com êle, chamando-lhe desleixado e mandrião, que nem para guardar os filhos servia, e foi pedir satisfações à águia. Primeiro, insultou-a; por fim, variando de meios, pediu, humilhou-se: rogou-lhe que se lembrasse da sua situação de mãe desgraçada; mostrou-lhe que ela, águia, não gostaria que lhe roubassem as águiazinhas e a deixassem sòzinha, entregue à sua dor irreparável. E mais lamúrias próprias para mover corações endurecidos.

Mas a águia, sem atender a choros e só se lembrando de que os filhos tinham fome e queriam comer, respondeu-lhe em tom desabrido:

— Ora deixe-se de choradeiras, vizinha, e vá tratar da sua vida. Escusa de continuar, porque nada adianta com discursos. Demais a conheço eu!

— Espere, que eu já a ensino a ser má, cruel e desleal!

E, dizendo estas palavras, a rapôsa foi-se a uma fogueira de lenha sêca que ardia perto dali, e, desesperadamente, não medindo o perigo que os próprios raposinhos corriam, puxou com a bôca um grande tição aceso, trouxe-o entalado

entre os dentes e pegou fogo a uns ramos secos que estavam empilhados junto do tronco da velha árvore.

A águia seguira com atenção todo aquêlê trabalho; e, reconhecendo o perigo a que ela e a ninhada estavam sujeitas, brada lá de cima, com grande gáudio da passarada, que assistia à scena:

— Apague lá o fogo, vizinha! Já lhe levo os seus filhos.

E, dela por dela, enquanto a espoliada mãe, com o auxílio do rapôso, extinguiu a fogueira, que já se ia transmitindo ao carcomido tronco da árvore, a águia restituiu, um por um, os engraçados raposos, que apenas sofreram o susto e um pouco de fome.

Um garôto dum melro, saltitando de ramo em ramo, todo satisfeito, assobiava e dizia com malícia:

— Coitadinha da águia, coitadinha da águia!

E uma gralha palreira, às risadinhas de satisfação, como que provocando nova chacota da parte do melro, acrescentou:

— Apetecia-te carnhina de rapôso? Apetecia? Pois não a apanhaste!

Estudo

Interrogatório semelhante aos anteriores, mas mais pormenorizado.

Exercícios de elocução.

Fraseologia e gramática.

Redacções variadas, supondo a narração feita pelo educando, pela rapôsa, pelo rapôso e pela águia.

XLIV

O leão e o rato.

No meio da vasta selva, à sombra de árvores gigantescas e seculares, um formoso leão dormia a sesta, enquanto no fojo, junto da cama de feno e plumas, a fêmea velava pelos filhos — três gordos e prósperos leõezinhos, que ela estava considerando em sossêgo.

la grande quietação pela floresta. Ao lado do dorminhoco brincavam, porém, uns cinco ou seis ratitos, já bastante crescidos, acompanhados da mãe, que, tôda solícita, os ensinava a saltar e a correr com a destreza e a presteza necessárias. Andavam nessas correrias e exercícios, quando succedeu ir a rata cair mesmo em cima do leão. Acordando imediatamente, a fera pousou uma das patas sôbre a fugitiva, com o fim de a castigar pelo atrevimento. E foi preciso, para escapar à morte, que a incauta pedisse perdão ao rei das selvas, dizendo-lhe que o molestara involuntariamente na ocasião em que exemplificava aos filhos um salto difícil e que não tivera, nem por sombras, a estúpida intenção de afrontar animal tão respeitável como êle.

O leão, convencido da veracidade das desculpas, levantou a patorra, onde se viam fortes e aguçadas garras, e deixou que o minúsculo animal fôsse de novo gozar a liberdade.

Decorreram tempos. Como o leão, certo dia, numa sortida pela selva, não tivesse tomado as devidas cautelas, deixou-se estupidamente cair numa rede, armada por esperto explorador dos sertões, e tão preso ficou, que não teve forças que o desenvencilhassem da terrível armadilha. Já extenuada, a fera soltou um medonho rugido, que ficou

ecoando pelas encostas dos cerros e levou o terror aos animais daquelas vizinhanças.

Movida pela curiosidade, aquela rata que já conhecemos acercou-se da rede e viu o que os seus olhos nunca tinham presenciado: o leão estava totalmente envolvido no diabólico aparelho e todo êle era suor, em virtude do grande esforço empregado para se libertar. A recém-chegada então, sem nada dizer, atira-se à rede e entrega-se à tarefa de cortar, um a um, com os seus dentes de roedor, todos os fios bastantes à libertação da fera.

No fim da demorada operação, diz o animal:

— Aí tem, senhor leão, a paga da sua generosidade de há tempos. Lembra-se? Não se lembra, por certo; mas eu é que me não esqueci. Estamos pagos!

Ficou tão impressionado o leão, que nem soube responder às palavras da sua salvadora. Nem ela esperou que êle falasse: dentro de poucos instantes, desapareceu por entre o mato, e mais ninguém a viu.

Estudo

Interrogatório.

Exercícios de exposição oral.

Exercícios de conversão do discurso directo em indirecto, e vice-versa.

Vocabulário e fraseologia.

Redacções variadas, supondo a narração feita pelo educando, pelo leão ou pela rata.

XLV

A víbora e a lima.

ESTAVA deserta a forja. Ferreiro e aprendizes dormiam a sesta, estirados de papo para o ar sob a alta ramada, donde pendiam lindos cachos quâsi maduros, e às vezes os dorminhocos ressonavam com tanto barulho, que pareciam apostados em se acordar uns aos outros. O humilde lugarejo, àquela hora, pareceria morto, se as cigarras, sempre incansáveis, não persistissem em seus cantos monótonos e intermináveis, e um ou outro cão a espaços se não ouvisse ladrar.

Sôbre a bigorna descansava um martelo, e ao lado dêle uma velha lima, já gasta pelo uso. Pelo chão, abandonados, outras ferramentas e utensílios, pedaços de ferro em bruto, peças de objectos inacabados.

Dum pequeno buraco, existente mesmo junto da porta da oficina, que dava para o pequeno quintalório, surgiu a cabeça, depois o resto do corpo dum reptil. Como se já fôra sua intenção, a víbora—pois era víbora o reptil—rastejou devagarinho para dentro da frágua e parou junto da bigorna. Chegada aí, enroscou-se em apertada espiral, cuja parte média era a cabeça, erguida, com a sua coleirazinha inconfundível, e o dente, aquêlê dente terrível, que instila veneno e produz a morte.

Mas pouco tempo se manteve naquela posição: em breve, o animal rojou-se pelo pé da bigorna e, serpeando por sôbre os objectos circunjacentes, atingiu com alguma dificuldade a parte superior, onde a lima e o martelo permaneciam abandonados.

Então o reptil, como se aquêlê fôsse o único designio que ali o conduzira, deu-se a morder a lima, como morde-ria qualquer animal.

A lima — porque também as coisas falavam, naqueles bons tempos! —, indiferente à mordedura, recebeu a afronta com estas palavras, que têm freqüente aplicação na vida dos homens:

— Como és insensata, ó víbora! Pois tu, louca, pretendias ferir com o teu venenoso dente quem, como eu, está acostumada a roer o ferro?!

Nada opôs o ofídio às observações da lima: sem responder, deixou a bigorna, abandonou a forja, e de novo foi recolher-se em seu esconderijo.

O sol, lá fora, escaldava. Ainda se não ouvia ninguém falar, regressando ao trabalho interrompido. As cigarras continuavam em seu infindável canto. Ao longe, quasi indistintamente, sentia-se o matraquear cadenciado dos alcatruzes duma nora...

Estudo

Interrogatório, com insistência sobre as línguas viperinas e sobre a moralidade da fábula.

Exercícios de elocução, com a conversão do discurso directo em indirecto.

Vocabulário e fraseologia.

Análises mais desenvolvidas.

Redacções.

XLVI

As lebres e as rãs.

QUANDO chegava a época venatória, é que as lebres viam quanto era dura e cortada de perigos a sua existência. Até aí, era raro que algum caçador aparecesse, de arma em riste e acompanhado do cão, a incomodá-las. Depois, era o inferno: gritos, brados, tiros, formidáveis correrias, donde não raro resultavam mortes e ferimentos às dezenas. Ainda na véspera daquele dia haviam sido bárbara e ferozmente perseguidas; e, se não fôra terem encontrado uma velha mina abandonada, rica de esconderijos, não teriam por certo escapado à sanha da multidão dos perseguidores.

Não podiam viver assim, em contínuo sobressalto. Tinham sido criadas para uma vida livre e sossegada, e não para que encarniçados inimigos constantemente as dizimassem. Por isso é que uma das lebres, a mais idosa e experiente, chamara naquela manhã as tristes companheiras e lhes propusera uma solução à sua infelicidade. Numa clareira do bosque, ao romper de alva, quando começa a palpitar de vida toda a natureza, assim falou:

— Nós somos, minhas amigas, uma raça miseranda, sem igual na face da terra. De que nos serve viver, se os perigos a cada passo se levantam diante dos nossos olhos? Dá vontade de viver, sim, quando se é livre, quando podemos dispor de nós, à vontade, sempre que nos apetece! Se sois da minha opinião, a única maneira de acabar com a nossa miséria é irmo-nos já deitar a afogar na primeira represa de água que se nos depare.

Como nenhuma das lebres contrariasse a opinião daquela, correm imediatamente para o charco mais próximo,

levando à frente a conselheira. Iam com grande pressa, não viessem os caçadores tolher-lhes o designio. Morrer desejavam elas, mas não às mãos dos homens.

Ante aquela desusada correria, os animais quedavam-se, pasmados. As próprias aves canoras, assustadas, suspendiram as suas melodiosas canções.

Ouviram o barulho das fugitivas as rãs do charco aonde as lebres iam pôr fim às suas desditas, e cada um dos anfíbios se deu pressa em se lançar à água para se esconder sob os limos ou pedras subjacentes, — mas não com tanta rapidez que o espectáculo não fôsse surpreendido pelas lebres que marchavam à frente do rancho.

— Alto aí! — bradou a mais dianteira. — Que íamos nós fazer, desgraçadas? Vêde e considerai. Todos contentes e regalados, êsses animais estavam soltando os seus cantos; e, julgando que connosco chegava o inimigo, ei-los que saltam à porfia para o líquido em que vivem, considerando-se por certo os mais infelizes seres da natureza. Vivamos, pois, porque o perigo e a dor e as contrariedades são a própria condição da vida!

E naquela conjuntura nenhuma delas se lembrou dos caçadores nem dos cães...

Estudo

Interrogatório.

Exercícios de exposição, supondo esta feita pelo educando e pela mais velha das lebres.

Exercícios de vocabulário.

Redacções variadas.

XLVII

O cão novo e o cão velho.

NAQUELE dia, o abastado senhor recebera um cão novo, de raça apurada, e tão inteligente, que ficava sendo, com certeza, o enlêvo dos amos e dos criados. Depois da recepção e das manifestações de alegria das crianças, o animal foi levado para o pátio, onde ficou preso junto do outro cão, em cuja ampla casinhola ambos dormiriam. O outro — bem o reconhecia o hóspede — era um animal velhíssimo, alquebrado de fôrças, inútil para a caça e incapaz de afugentar ou manter em respeito o menos ousado dos ladrões.

Feitos breves cumprimentos, os dois puseram-se a conversar.

— Estás aqui há muito tempo, colega?

— Há muitos anos. Não sei há quantos, porque é fraca a memória; mas lembro-me de terem nascido os três filhos mais novos dos nossos patrões. Há que tempos eu vim para aqui! Mas espera! Eu conto-te a minha vida. Deve interessar-te.

E, depois de tomar alento, o veterano continuou:

— Fui, como tu, recebido festivamente. Levaram-me à sala de jantar e deram-me bolos. Tão bons, tão bons, que ainda hoje me cresce a água na bôca, só de o recordar. Depois, trouxeram-me para aqui. Fui sempre amimado por toda a gente. Mas bem o merecia eu, porque de dia, no tempo da caça, não havia perdiz, lebre, coelho ou qualquer outro animal que me escapasse; e de noite o meu ladrar infundia tamanho terror, que o mais afoito dos ladrões não se atrevia sequer a aproximar-se do portão. Depois, os anos foram caindo, as fôrças foram-me abandonando, cada vez

mais, e uma noite, em que eu aí dentro gemia com o reumatismo, um atrevido dum larápio foi ao galinheiro e roubou quantas galinhas quis! Para maior desgraça, indo certo dia com o patrão à caça do javali, ainda tentei mostrar a minha coragem e bravura, agarrando-me a uma javarda e procurando subjugá-la por uma orelha; mas os dentes não me ajudaram, e a maldita pôs-se ao fresco! Diante dêste duplo fracasso, o patrão insultou-me, cobriu-me de injúrias, ameaçou lançar-me ao abandono.

— Mas és maltratado agora? — perguntou o outro.

— Não, mas atiram-me por caridade os alimentos, e nem uma festa me fazem! Se me não põem à margem, é simplesmente por eu ter dito ao patrão que não olhasse êle para o que eu era, velho e impossibilitado, mas para o que tinha sido durante muitos anos, enquanto novo e forte.

Calaram-se. Perto dêles, uma galinha passeava a sua numerosa ninhada de irrequietos pintainhos, aos quais de vez em quando chamava, mostrando-lhes qualquer biscato, ou ensinando-lhes a arte de esgravatar.

Por fim, o decrepito cão rematou com tristeza:

— Nunca te esqueças das minhas palavras. Eu sou, a-final, o teu próprio espelho.

Estudo

Interrogatório.

Exposição oral, sem o emprêgo do discurso directo.

Vocabulário e fraseologia.

Redacções, supondo a narração feita pelo educando, e por ambos os cães.

XLVIII

O urso-pescador.

CONTRA-SE que naquele inverno inclemente os ursos não tinham que comer. Matavam o tempo a rebolar-se na água, frigidíssima, em variadas e caprichosas lutas amigáveis; mas, ao sair, ficavam a olhar um para o outro ou levantavam o focinho, em grande inquietação, sempre no mesmo lugar, pois eles não ignoravam que não havia por aqueles sítios, quâsi de todo cobertos pelo gelo, nenhum animal que pudessem abater e devorar.

Um dia, a fêmea caiu exausta de forças, queixando-se de fome. O ursito, pequeno e desajeitado, aproximou-se da mãe e, em desesperada ânsia, pôs-se à procura das tetas para mamar. O leite, porém, tinha secado; e a pequena fera ali se ficou, desconsolada, como faminta criancinha, a urrar angustiadamente!

Parecia que o único remédio para aquela situação era morrerem à míngua!

Mas o urso, deitado ao pé dos seus companheiros de infortúnio, cogitava. No obtuso cérebro do mamífero estabelecia-se certamente uma confusa luta, em que se entrecrocavam a idea da necessidade de viver e a dos meios de conseguir os alimentos indispensáveis à vida.

De repente, como espicaçado por invisível inimigo, o rude animal ergueu-se a custo, e a custo se foi dirigindo para a beira da água, no lugar em que a praia era mais baixa. Chegado aí, o bruto não teve hesitações: agarrou-se fortemente a uma das pedras salientes que sôbre o mar estavam inclinadas; e, devagarinho, com precauções inexcedíveis, deixou-se cair, Tateando o líquido. Dentro em pouco,

as patas traseiras entraram na água e aí se conservaram talvez uns três minutos.

Que enormes esforços não teve de empregar o pobre animal para sair da água! Fê-lo também vagarosa e calculadamente, como no começo daquele misterioso exercício. Tinha, enfim, acabado de resolver o problema da alimentação: presos aos pêlos dos membros posteriores, vinham caranguejos, muitos caranguejos, que êle e a fêmea poderiam comer! Estava salvo o filhinho!

A pouca distância da praia, o urso sacudiu-se, e a farta pescaria espalhou-se pelo chão. Depois, antes mesmo de provar o novo petisco, a fera foi levar na bôca à sua companheira as primícias daquele inesperado banquete, e só comeu quando a viu satisfeita.

E, durante muito tempo, pescas semelhantes àquela garantiram a subsistência da pequena família.

Estudo

*Interrogatório, com insistência sôbre o lugar da acção.
Fauna e flora das regiões geladas. Os ursos. Seus costumes e habitat.*

Exposições orais.

Exercícios de vocabulário e fraseologia.

Redacções.

XLIX

Os toiros e as rãs.

QUE lindo e criador que estava o dia! Logo de manhã, quando ainda a luz era indecisa, o pastorito abriu de par em par as portas dos currais, onde o gado já estava inquieto, e exclamou, compondo no ombro o saco do farnel e arrimando-se ao grosso cajado de lódão:

—Ala, ala!

Chegados ao lugar das pastagens, dois dos toiros, que já pelo caminho se tinham desavindo, entraram a discutir sôbre qual dos dois era o mais forte e tinha a primazia na manada, e em breve ei-los a combater com fúria. Às marra-das, frementes e raivosos, procurava cada um dêles subjugar e abater o seu rival.

Todos os outros animais do rebanho — toiros, vitelos, bois e vacas — deixavam às vezes de pastar e ficavam-se por momentos a contemplar aquêlo espectáculo, que, deve dizer-se, não era pouco freqüente.

O pastor, deitado sôbre a erva, de barriga para baixo, com os cotovelos fincados na terra e o rosto apoiado nas mãos, seguia com delícia as fases da pugna e por mais duma vez procurara calar o cão — um cão forte e bravo —, que amiúde se punha a ladrar, ao mesmo tempo que arremetia contra os lutadores, como quem lhes quisesse ralhar.

Perto dali poucos passos, havia uma represa de água, onde as rãs, às dezenas, costumavam levantar, em desafios quási ininterruptos, as suas eternas e monótonas canções. Mal o combate se iniciou, o aquático orfeão abrandou de intensidade, e no aceso da luta de todo se extinguiu.

Então uma das rãs, vendo a raiva e ferocidade com

que os toiros mediam suas fôrças, exclama, dirigindo-se às pávidas companheiras:

—Ai que grande desgraça pende sôbre nós! Infelizes dos fracos!

—O quê?! — intervém uma das mais corajosas. — Que temos nós com êles? Aquilo é lá com os dois! Vêde como andam encarniçados no combate.

E tôdas se puseram a olhar com mais atenção. Os próprios peixes-sapos, de cauda pendente e com a bôca ao lume de água, procuravam, em vão, inteirar-se da causa que assim pusera em alvorôço tôda a companhia aquática.

—Ê com os dois, sem dúvida! — conveio a primeira das rãs. — Mas, se no ardor da liça succeder que algum dêles, ou ambos, nos invadam os domínios, quem te diz a ti que não seremos esmagadas sob as patas dos contendores?

Tôdas reconheceram a sensatez destas palavras, e cada uma delas, sem perder uma só das peripécias da luta, ia pensando na forma de escapar à morte, no caso de os lutadores se aproximarem da água.

Estudo

*Interrogatório, com insistência sôbre os lugares da acção.
A vida pastoril.*

Exposições orais.

Fraseologia e vocabulário.

Análises.

Redacções variadas.

L

A rapôsa-mulher.

ESTAVA a sala de honra do palácio quâsi completamente cheia de cortesãos e convidados. Tudo o que havia de mais nobre e distinto ali se encontrava para assistir à grande cerimônia do beija-mão. Num riquíssimo trono, incrustado de oiro e pedrarias, sentados em cadeiras do mais esquisito lavor, viam-se os noivos. Êle, o rei, vestia uma farda sumptuosíssima, feita pelos mais afamados alfaiates da cidade, e dos ombros caía-lhe um amplo manto, ornado de peles nunca vistas; a rainha, formosíssima, e resplandecente de mocidade e frescor, deslumbrava, assim envolvida no régio manto, que deixava adivinhar a riqueza do vestido incomparável. Coroas esplêndidas enfeitavam as cabeças dos nubentes, e o rei sustentava na mão direita um magnífico sceptro, presente de núpcias oferecido pelo monarca do reino vizinho. Um perfeito deslumbramento!

Pouco faltava para o início da festa, que jamais fôra presenciada pela assistência, pois o último soberano, há pouco falecido, tinha quâsi cem anos quando se despediu do mundo, e era agora um bisneto quem lhe ia suceder na governança daquele feliz povo.

Fora, na praça fronteira aos paços, que enorme multidão completamente enchia, acabavam de soar as charamelas e trombetas das guardas reais. O silêncio era completo. Então o jovem rei fez um sinal, quâsi imperceptível, com a mão esquerda, e um homem velho e sêco, que pelo aspecto e pelas condecorações que lhe esmaltavam o peito devia ser o presidente do conselho de ministros, desenrolou um pergaminho amarelecido pelo

tempo e leu, em voz pausada e solene, o texto tradicional dos beija-mãos.

Quando o decano dos homens da cõrte avançava para render a sua comovida homenagem à rainha, todos os assistentes ficaram extáticos: a soberana pusera-se de pé, arrojara para a cadeira o real manto e fixava, como alienada, um ponto do tapete, mesmo junto do primeiro degrau do trono. Acto contínuo, foi vista atirar-se ao chão e saltar, saltar com espantosa desenvoltura, em busca de qualquer coisa movediça que nenhum dos atónitos espectadores lograva descortinar o que fôsse.

Estabelece-se grande reboliço e confusão. O rei está hesitante, com o olhar aparvalhado. Os cortesãos comprimem-se, dando à pobre rainha mais espaço para aquelas destrambelhadas evoluções. De repente—oh caso horrível!—, descortina-se por sob o vestido uma farta e farfalhuda cauda, e o rosto, tão lindo, daquela noiva angélica e aparentemente tão feliz, transforma-se em gracioso focinho de animal carnívoro!

Como explicar o estranho successo?

Muito simplesmente: a rainha era uma rapôsa, à qual Júpiter, em hora de bom humor, concedera forma de gente, e que naquele momento solene, desfazendo, talvez para sempre, a felicidade dum reino, corria atrás do mísero escaravelho que o acaso trouxera aos pés do trono!

Estudo

Interrogatório pormenorizado.

Exposição oral do assunto, começando pela transformação da rapôsa em mulher.

Exercícios de vocabulário e fraseologia.

Redacções, na hipótese de a narração ser feita pelo educando e pelo rei.

bibRIA

GLOSSÁRIO

aba — falda (do monte).
absoluto — ilimitado, completo.
acatar — respeitar.
acepipe — petisco, manjar.
acolher — receber.
acossado — perseguido.
açular — incitar, provocar.
afã — diligência, actividade.
afuito — corajoso.
afronta — injúria, desprezo.
agoiro — presságio.
alapado — agachado, escondido.
aldraba ou **aldrava** — tranqueta de ferro.
alienado — doido.
alquebrado — abatido.
alvar — estúpido.
alvorôco — alarme, sobressalto.
anfíbio — diz-se do animal que vive tanto em terra como na água (rã, salamandra, etc.).
ânsia — aflicção.
apreensão — receio, seisma.
apressurado — cheio de *pressa*, pressuroso.
aprisco — curral, redil.
árbitro — o que soluciona ou resolve questões.
ardor — vivacidade, energia.
árduo — difícil.
argumento — razão, prova.
arrepelar-se — lastimar-se, puxando pelos cabelos.
arrimar-se — encostar-se.
asqueroso — nojento, repelente.
assomar — aparecer.
atalaia — vigia, sentinela.
azafamado — apressado.
azêdo — áspero.
bambolear — mexer-se com o vento.
basto — espesso, compacto.
bastonar — castigar com *bastão* (pau).
besta — arma antiga, com que se disparavam setas.
bisbilhoteiro — intriguista.
braça — antiga medida de comprimento (2.^m aproximadamente).
cadenciado — compassado, regular.
cálido — quente, ardente.

calma — calor.
campanário — torre com sinos.
caracterizar-se — assinalar-se, distinguir-se.
canhestro — desajeitado.
carapaça — cobertura.
caravana — reunião de pessoas que viajam ou passeiam.
carnificina — mortandade.
casquinar — rir com escárneo.
casual — que depende do *acaso*; fortuito.
cáustico — que queima; ardente.
cerdoso — que tem *cêrdas* (sêdas do javali, especialmente).
cêrro — outeiro, colina.
chacota — troça, zombaria.
charco — água estagnada, lodaçal.
circunjacente — situado à volta; circunvizinho.
coaxar — fazer ouvir a sua voz [a rã].
cofiar (as barbas) — passar as mãos por elas.
cogitar — pensar, reflectir.
comezaina — patuscada.
comiseração — piedade.
concessão — permissão.
condão — dom, facilidade.
contendor — que briga; que luta; lutador.
contrariar — opor-se, estorvar.
convalescer — adquirir fôrças.
córneo — duro como *corneo*.
cortelho — pequena *corte*; curral.
convir — concordar.
conviva — comensal; o que toma parte em banquete.
corpulência — tamanho ou grandeza de *corpo*.
credo — oração cristã; espaço de tempo que se gasta a rezá-la.
crocitar — soltar a sua voz [o corvo, a gralha].
cruciante — que crucia [mortifica], mortificante.
débil — fraco.
decano — o mais velho.
deleitar — causar *deleite*: deliciar.
delicia — com *delicia* — com satisfação.

denunciar — acusar.
deparar — [*deparar-se...* a alguém — aparecer].
deplorável — lastimável; digno de lástima.
depoimento — aquilo que dizem ou *depõem* as testemunhas.
depreciar — rebaixar, escarnecer.
derreado — cansado, maltratado.
desalojar — sair dum *alojamento*.
desatar a — começar com ímpeto.
descampado — terreno extenso e inculto.
desdém — desprezo.
desdita — infelicidade, desventura.
desfecho — fim, resultado.
desferir — atirar, despedir.
designio — projecto, plano.
desistir — abster-se, deixar de (fazer qualquer coisa).
deslumbramento — encanto.
despeito — a *despeito de* — a pesar de.
despojar-se — desembaraçar-se, privar-se.
dest'arte — deste modo.
destrambelhado — disparatado.
detestado — odiado.
diligência — esforço, zelo.
díptero — diz-se dos insectos que têm duas asas.
disponível — de que se pode dispor.
dispor-se — preparar-se, resolver-se.
dizimar — destruir (em parte).
emboscada — cilada, espera, traição.
embrenhar-se — meter-se em *brenha* [matagal, bosque].
emocionante — comovente, impressionante.
encarniçar — excitar.
enlêvo — encanto.
envólucro — capa, cobertura.
esbelto — gracioso.
escaravelho — pequeno insecto.
escarpado — cortado em escarpa (a pique).
esfaltar — fatigar.
esgueirar — fugir, safar-se.
esmaltar — adornar.
espanejar — mexer (a cauda).
esparrela — armadilha, cilada.
espiar — observar.
espoliado — roubado.

estábulo — curral.
estéril — que não produz, árido.
estratagemas — ardis, ratoeira.
estropado — aleijado, deformado.
estulto — tolo.
eternizar-se — tornar-se eterno, prolongar-se.
exasperar — irritar muito.
exausto — esgotado, cansado.
extático — admirado, pasmado.
extenuado — enfraquecido, cansado.
extinguir — apagar (fogo, etc.)
façanha — crime, perversidade.
fado — destino.
faíscante — que *faísca*, que brilha; brilhante.
fantástico — imaginário.
fazendeiro — dono dalguma *fazenda* (terreno).
fedelho — garotito, criançola.
filantropia — amor à humanidade.
 fingir — simular. *Fingir de...* — fazer de.
flora — conjunto de plantas de determinada região.
fojo — caverna, covil.
fragor — ruído forte.
frágua — forja (oficina do ferreiro).
freme — que *freme* (fremir); que estremece de raiva.
frescor — qualidade do que é *fresco* ou viçoso.
frondoso — que tem muitos *frondes* ou folhas.
garantir — afiançar, assegurar.
graça — favor.
grisalho — cinzento, ruço.
hibernar — estar em *hibernação* [entorpecimento em sono letárgico, de certos animais, no inverno].
humilhar-se — abater-se, rebaixar-se.
humor — boa disposição.
ignaro — ignorante, estúpido.
iludir — enganar.
impar — abarrotar.
impassível — indiferente; que se não comove.
impedir — estorvar.
impertinente — enfadonho.
ímpeto (assalto): *com ímpeto* — impetuosamente, com força.
impetrar — rogar, suplicar.

implacável — que se não *aplaca*; que não perdoa.

imponente — majestoso.

impor — obrigar a...

importar-se — incomodar-se.

importuno — maçador.

impudentemente — sem vergonha.

inacessível — a que se não pode chegar.

incauto — não acautelado; desprevenido.

inclemente — que não é *clemente* (bondoso); severo.

incólume — ileso; são e salvo.

incrustado — gravado, embutido.

inexoravelmente — de modo *inexorável*; implacavelmente.

infalível — que não falha, inevitável.

infortúnio — desgraça, infelicidade.

infrutífero — inútil, improdutivo.

insensato — falho de *senso*.

infundir — derramar.

insígnia — sinal distintivo.

inquirir — indagar, investigar.

insistir — teimar.

insolência — qualidade do *insolente* (atrevido); atrevimento.

instilar — transmitir.

instintivamente — naturalmente; sem pensar.

intransigente — que não *transige*; que não cede.

intrincado — emaranhado, difícil de penetrar.

intuito — fim, plano.

investir — arremeter, atacar.

irrequieto — buliçoso, turbulento.

júbilo — alegria, grande contentamento.

labor — trabalho, faina [*vêde labor*].

lampeiro — apressado.

lapso — decurso, espaço.

lance — conjuntura [*ensejo, ocasião*].

lavor — trabalho manual [*vêde labor*].

lenitivo — alívio, consolação.

lestamente — ágilmente, rapidamente.

liberalidade — qualidade do que é *liberal*, do que gosta de dar; generosidade.

liça — combate.

limo — lama, lodo.

litigante — aquele que *litiga* [tem demanda ou questão com alguém].

litígio — questão, pendência.

lódão — nome duma árvore.

ludibriado — enganado.

lusco-fusco — o anoitecer.

magnífico — excelente, muito bom.

manifesto — claro, evidente.

mansão — morada.

matadura — ferida na pele dos animais, produzida pelos arreios.

matinada — barulho, estrondo.

medianeiro — (mediador) — aquele que intervém: árbitro.

mediar — ficar no *meio*.

melodia — peça musical; canção.

mimosear — obsequiar, presentear.

miserando — digno de lástima, infeliz.

misterioso — inexplicável, enigmático.

moita — conjunto espesso de vegetação pouco desenvolvida.

naco — grande pedaço.

nocivago — que anda de *noite*.

nómada — vagabundo, errante.

nubente — que vai casar: noivo.

nulo — inútil, vão.

núpcias — casamento.

objectar — opor, contrariar.

obséquio — favor.

obstinação — teima, teimosia.

obtusidade — estupidez.

offdio — ordem de reptis que compreende as serpentes.

onagro — burro selvagem.

pachorrentamente — com pachorra (vagar); em sossêgo.

paúl — pântano: porção de água estagnada.

pávido — medroso.

pé — pretexto, motivo.

pedantão — muito pedante; vaidoso.

perturbar — alterar, comover, incomodar.

petulância — qualidade do *petulante* (insolente, desavergonhado).

píncaro — o ponto mais alto dum monte, edifício, etc.

pique (a) — quasi a prumo.

poça — cova com água.

poldra — pedra de passagem num rio.

ponderar — pesar, apreciar.

precaução — cautela.

- predilecto** — muito querido.
predominar — existir em maior quantidade.
prematureo — temporão [que vem antes de *tempo*].
prenúncio — indício, sinal.
prestemente — rapidamente.
pretense — suposto, imaginário.
primazia — prioridade, superioridade.
primícias — *primeiros* frutos ou produtos.
propósito — deliberação, intuito.
próspero — feliz, gordo.
quietude — sossego.
ralo — raro.
raquítico — infezado, fraco.
readquirir — tornar a adquirir, reaver.
rebolar-se — rolar-se.
reboiço — grande ruído; bulha.
recalcitrar — replicar.
recem-nascido — nascido *recentemente* ou há pouco.
recurvo — torcido.
redarguir — replicar.
refrear — reprimir, conter.
remanso — água estagnada, repêsa.
rematar — completar, pôr remate.
remoto — distante.
rendeiro — o que toma de *renda* propriedades.
repelente — que *repele* [expulsa], repugnante.
requisitar — requerer, exigir.
reservar — guardar, conservar, destinar.
resignadamente — com resignação, com paciência.
resguardo — defesa.
resmungar — dizer qualquer coisa por entre dentes e de mau modo.
resolutamente — com resolução, corajosamente.
resplandecente — que *resplandece*; muito brilhante.
ressentimento — melindre.
revolto — agitado, mexido.
retorquir — replicar, objectar.
riste — peça de ferro onde o cavaleiro punha a lança (no ataque). — *Em riste* — preparada.
rústico — campestre, rural.
sáfaro — estéril, inculto.
sanha — raiva.
sceptro — pequeno bastão, que indicava a autoridade real.
selamim — antiga medida de capacidade [16.^a parte do alqueire].
símio — macaco.
sinistro — funesto; que se supõe produzir desgraça.
solenemente — pomposamente.
solícito — cuidadoso.
solicitude — cuidado, diligência.
solípede — animal que tem *um só* casco em cada pé (cavalo, burro, etc.).
sordidez — qualidade do que é sordido (sujo).
súbdito — vassalo: o que está sujeito à vontade do soberano ou senhor.
subjacente — que *jaz* por baixo.
subjugar — submeter ao *jugo*, sujeitar, dominar.
subsistência — sustento.
sumptuoso — aparatoso, rico.
supersticioso — que tem *superstição*; que crê em coisas fantásticas.
táctica — arte (de combater).
tamanho — grandeza, volume.
tapada — terreno murado ou vedado.
tasquinhar — comer, debicar.
tatear — apalpar.
ténue — fraco.
timão (temão) — peça do carro a que se atrelam os animais.
tímido — que tem *temor*; medroso.
tosar — roer, comer (falando dos animais).
tradicional — da tradição.
transcorrer — decorrer, passar.
trôpegamente — de modo trôpego [trôpego — que anda com dificuldade].
tugúrio — casebre.
urze — planta rasteira, do monte.
valetudinário — fraco, enfermo.
variegado — de várias cores.
venatório — respeitante à caça.
veterano — velho.
vetusto — muito velho; antigo.
vexado — humilhado, envergonhado.
viatura — veículo, carro.
vigilante — que *vigia*; atento.
volver — tornar, retorquir.
zelar — tratar com *zêlo* ou cuidado.

ÍNDICE

Dedicatória.	pág. 5	O leão moribundo.	60
Prefácio.	7	O lobo e o grou	62
Cinquenta Fábulas de Fe-		A águia, a gralha e a tar-	
dro	11	taruga	64
A rã que quer ser boi	12	Os cães que bebem o ria-	
A rapôsa e o corvo	14	cho	66
O gralho com penas de		A lebre e o pardal	68
pavão	16	As duas cadelas	70
O frango e a pérola	18	O veado que se vê ao es-	
O cão ambicioso	20	pelho.	72
Os dois machos e os sal-		A dôninha e o homem	74
teadores	22	A cigarra e a coruja	76
As rãs e o sol	24	As abelhas, os zângãos e	
O cão fiel e o ratoneiro	26	a vespa	78
O leão, a cabra, a ovelha e		A rapôsa e o dragão	80
a vaca	28	O veado, os bois e o fa-	
O pastor e o burro	30	zendeiro	82
O vitelo e o toiro	32	As rãs que pedem rei.	84
O asno e o javali	34	O lobo, a rapôsa e o ma-	
O lobo e o cão	36	caco	86
O burro e o leão	38	A mula e a môsca.	88
A rapôsa e a cegonha.	40	A rapôsa e o bode.	90
O cavalo, o javali e o ho-		A dôninha e os ratos	92
mem	42	O burro infeliz.	94
As duas cobras	44	A águia e a rapôsa	96
A rapôsa e a máscara.	46	O leão e o rato	98
O veado, a ovelha e o lobo		A víbora e a-lima	100
O anho e o cão	50	As lebres e as rãs.	102
A gata, a águia e a javarda		O cão novo e o cão velho	104
A rapôsa e as uvas	54	O urso-pescador	106
O lobo e o cordeiro	56	Os toiros e as rãs.	108
As cabras que querem ter		A rapôsa-mulher	110
barbas	58	Glossário	113

NOTA — Alguns lapsos escaparam à revisão. Os principais são: na pág. 9, linha 6, está *o que se lhes*, em vez de *o que lhes*; na pág. 49, linha 3, *sabedora*, em lugar de *sabedor*; e na pág. 77, linha 4, *porisso*, onde devia estar *por isso*.

ACABOU DE SE IMPRIMIR
ÊSTE LIVRO NA TIPOGRAFIA
DO PÔRTO MÉDICO L.^{DA},
AOS NOVE DIAS DO MÊS
DE NOVEMBRO DE 1929.

bibRIA

O desenho da capa, fundado na fábula XXXVIII,
é da Ex.^{ma} Snr.^a D. Mãmia Roque Gameiro.



R

Oferta
Maria Felícia Ala
dos Reis

Premiado em 10-1-948

108.

Ala Reis

Nº 58

MCMXLVIII

bibRIA

Provisório